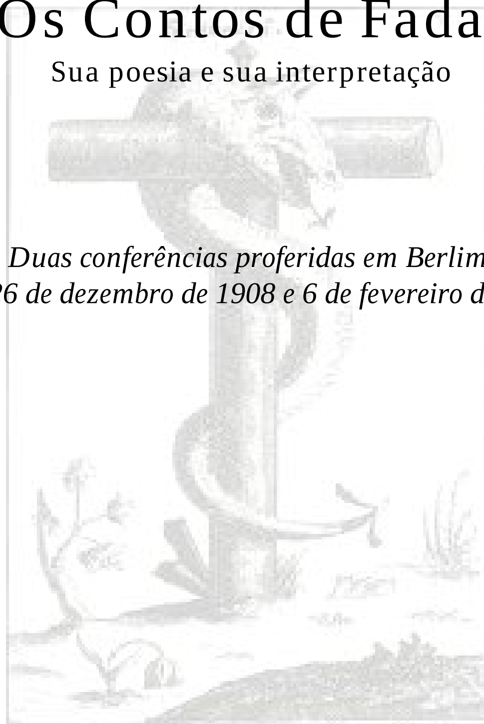
Rudolf Steiner

Os Contos de Fadas

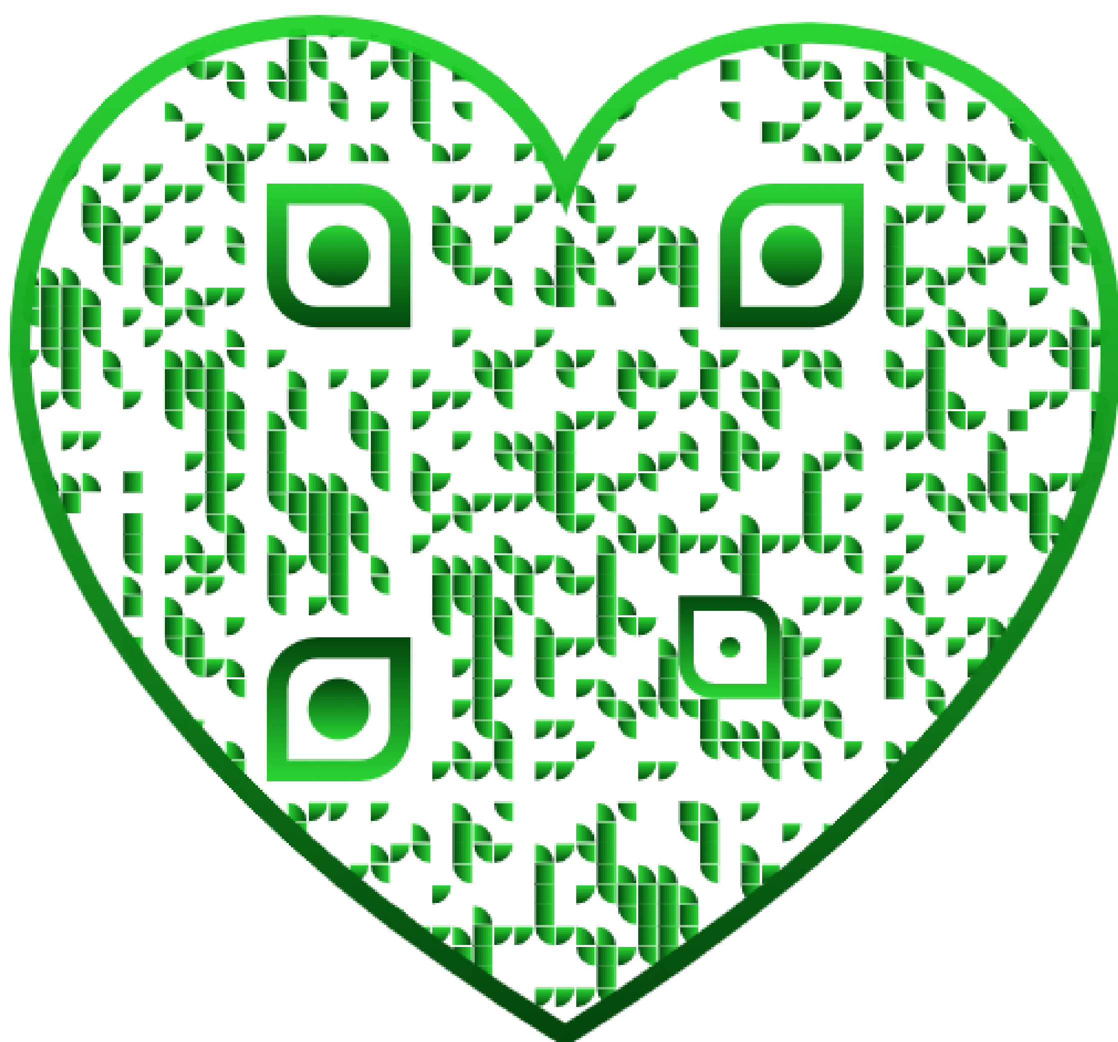
Sua poesia e sua interpretação



Duas conferências proferidas em Berlim,
Em 26 de dezembro de 1908 e 6 de fevereiro de 1913

www.espelhosdatradicao.blogspot.com





6 de fevereiro de 1913

A poesia dos contos de fadas à luz da pesquisa espiritual

Há muitas coisas que fazem parecer ousadia falar justamente sobre a poesia dos contos de fadas à luz da pesquisa espiritual. Uma delas é a dificuldade que o assunto apresenta, pois, de fato, as fontes de onde jorra a atmosfera dos contos de fadas, a verdadeira atmosfera dos contos de fadas, precisam ser buscadas em tais profundezas da alma humana que os métodos da pesquisa espiritual, já várias vezes descritos por mim, têm de perfazer longos e complicados caminhos até que justamente essas fontes possam ser encontradas. As fontes da alma humana das quais jorra a verdadeira poesia dos contos de fadas, que falam para nós como algo mágico, originário de todos os séculos do desenvolvimento da humanidade, situam-se muito mais profundamente do que imaginamos.

Outra coisa é que, justamente diante desse algo mágico da poesia dos contos de fadas, temos em alto grau o sentimento de que, por uma reflexão, por uma penetração ideal na essência dos contos de fadas, o elementar, a impressão primordial da alma é destruída — sim, é destruída a própria essência da atuação dos contos de fadas. Se, com toda a razão, julgamos que as explicações, os comentários sobre a poesia destroem a impressão estética imediata, a imediata impressão de vida que a poesia deve provocar quando deixamos que ela atue em nós com uma simplicidade elementar, com mais razão ainda não deveríamos admitir as explicações sobre toda essa poesia infinitamente sutil e infinitamente mágica que brota, em forma de contos de fadas, de fontes aparentemente tão profundas e aparentemente tão impenetráveis da índole do povo ou da índole de cada pessoa. Ao querermos, com a força do julgamento, intervir naquilo que brota da alma humana de modo tão espontâneo, que é a poesia dos contos de fadas, é como se, na verdade, destruíssemos a flor de uma planta.

Contudo, por um lado parece ser possível aos métodos da pesquisa espiritual iluminar, ao menos um pouco, aquelas regiões da vida da alma de onde brotam a poesia dos contos de fadas e sua atmosfera. Por outro lado, uma experiência parece contradizer esse segundo escrúpulo. Justamente por termos de procurar as fontes da poesia e da atmosfera dos contos de fadas em campos profundos da alma, chegamos, pela própria experiência, à convicção de que aquilo que podemos oferecer como explicação da ciência espiritual é algo que toca de leve a fonte caracterizada; e ela não não é destruída por uma pesquisa [espiritual]:

pelo contrário, o significativo, o essencial das profundezas da alma, de onde jorra a atmosfera dos contos de fadas, apresenta-se de tal modo que temos o sentimento de que as coisas que lá se encontram permanecem tão novas na alma humana, tão individuais, tão espontâneas, que nós mesmos gostaríamos de expressá-las como uma espécie de contos de fadas, porque sentimos ser impossível falar de outro modo a partir dessas fontes profundas.

É perfeitamente possível que tenha sido uma disposição bem natural aquela que fez com que justamente uma pessoa como Göethe, por exemplo, paralelamente à sua atividade artística tenha tentado penetrar profundamente nas fontes e nos motivos da existência; e então, quando quer transmitir uma vivência mais profunda da alma humana, ele não recorre a explicações teóricas, não destrói com a pesquisa a fonte



dos contos de fadas. Justamente por ter conhecido essa fonte, vai recorrer naturalmente aos contos de fadas quando quiser falar às exigências mais elevadas e à vida da alma humana. Foi isso que Göethe fez em seu conto de fadas [*Märchen*] da Serpente Verde e da Bela Líria, quando quis expressar a seu modo uma profunda vivência da alma humana. Schiller expressou essa vivência de maneira mais filosoficamente abstrata em suas cartas 'Sobre a educação estética do homem'. Devido à própria natureza dos contos de fadas, sua explicação e compreensão jamais podem destruir nossa produtiva diposição em relação a eles. Pois quem tenta chegar às mencionadas fontes pelo ponto de vista da pesquisa espiritual encontra algo muito peculiar. Se eu tivesse de dizer tudo o que gostaria de dizer sobre a essência dos contos de fadas, precisaria proferir muitas conferências. Por isso, hoje só será possível dar algumas indicações e trazer alguns resultados de pesquisa.

Quem tenta chegar às mencionadas fontes pelo ponto de vista da pesquisa espiritual vai constatar que essas fontes da poesia dos contos de fadas se encontram, na verdade, muito mais profundamente na alma humana do que as fontes da alma humana que criam e deleitam o espírito; a alma humana também se apraz com as obras de arte mais arrebatadoras como, por exemplo, as mais comoventes tragédias. A tragédia mostra o que a alma humana pode vivenciar nas potências, das quais o poeta diz que têm origem no grande, no gigantesco destino, que eleva o homem ao triturá-lo. Os abalos das tragédias resultam do destino e de sua descrição, mas de tal modo que podemos dizer: há uma proporção entre o enredo, o fio que deve ser fiado e desfeito pela tragédia e certas vivências individuais da alma humana no mundo exterior; essas vivências são certamente imprevisíveis em muitos aspectos — porque e muito difícil penetrar na alma humana individual —, mas podem ser pressentidas quando nos interessamos pelo que ocorre na alma humana em sua relação com a vida. Temos o sentimento de que, de um modo ou de outro, a alma fica envolvida neste ou naquele destino de vida ao vivenciar o trágico tal como nos é apresentado.

As fontes da atmosfera e da poesia dos contos de fadas situam-se mais profundamente que os enredos das tragédias. Sentimos que o trágico e outras expressões artísticas resultam de quando vemos, por exemplo, uma pessoa de determinada idade, ou em certo período da vida, exposta a este ou àquele golpe do destino. Quando uma tragédia nos impressiona, temos de pressupor que a pessoa em questão seja levada às complicações correspondentes por uma vivência individual, e temos então o sentimento de que éessa pessoa, mostrada para nós na tragédia com suas vivências específicas, que deve ser compreendida por nós. Na tragédia, e em outras obras de arte, defrontamo-nos com um círculo certamente mais limitado do humano.

Quando entramos compreensivamente em contato com a poesia e com a atmosfera dos contos de fadas, temos um sentimento bem diferente do que foi mencionado acima, porque a atuação do conto de fadas na alma humana é precisamente primordial e elementar, pertencendo, pois, aos efeitos inconscientes. Se, porém, tentamos ter um sentimento do que ocorre nele, esse sentimento é de natureza a podermos dizer que o que se expressa nos diferentes contos de fadas não é aquilo que pode atingir o homem numa situação específica da vida, não é um círculo limitado da vivência humana, e sim algo tão profundo, nas vivências da alma humana, que passa a ser comum a toda a humanidade. Não podemos dizer que a alma de uma pessoa qualquer, de determinada idade, que passe por uma determinada situação, possa descobrir alguma coisa; mas o que se expressa nos contos de fadas está enraizado tão profundamente na alma que a pessoa o vivencia,


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

seja ela uma criança na primeira fase da infância, um adulto de meia idade ou uma pessoa idosa.

Por toda a nossa vida, passa pelas mais profundas vivências da alma aquilo que se expressa nos contos de fadas. Só que o conto de fadas, no que se refere à vivência e ao que dá origem à vivência, é uma livre expressão imagética, muitas vezes até lúdica. O prazer estético, artístico dos contos de fadas talvez esteja tão longe daquilo a que o conto de fadas corresponde em relação à vivência interior da alma — esta comparação pode ser ousada — quanto a vivência degustativa sobre a língua, ao saborearmos um alimento, está longe dos processos ocultos e complicados pelos quais passa esse alimento em todo o organismo, para poder contribuir na formação desse organismo. O processo por que passa o alimento escapa inicialmente à observação e ao conhecimento humano, e tudo o que a pessoa tem é só o prazer de saborear. Aparentemente, ambos têm primeiro pouca coisa em comum, e ninguém, ao degustar um alimento, tem condições de sondar a tarefa desse alimento em todos os processos vitais do organismo humano. Assim também o prazer estético que a pessoa vivencia nos contos de fadas está muito, muito longe do que ocorre na alma humana, lá nas profundezas do inconsciente, quando aquilo que o conto de fadas emana e deixa fluir de si mesmo se une à alma humana, porque essa alma tem uma necessidade inextingüível de deixar correr por suas veias espirituais o conteúdo dos contos de fadas, do mesmo modo como o organismo tem a necessidade de fazer circular em si mesmo a substância nutritiva.

Quando aplicamos os métodos aqui descritos como métodos da pesquisa espiritual, como métodos para se penetrar no mundo espiritual ao chegarmos a um certo grau do conhecimento espiritual, adquirimos um saber de como continuamente ocorrem processos espirituais nas profundezas da alma humana, estando esta totalmente inconsciente disso. Na vida cotidiana normal, esses processos espirituais, que acontecem nas profundezas da alma, às vezes vêm à tona apenas numa vivência onírica silenciosa e muito fugaz para a consciência. Se a pessoa acorda do sono em condições especialmente propícias, pode ter a sensação de estar emergindo de um mundo espiritual, no qual se pensou, no qual se planejou, no qual aconteceram coisas no mais recôndito das profundezas insondáveis da existência, coisas que são de fato parecidas com as vivências diurnas e que estão intimamente ligadas ao seu ser, mas profundamente ocultas à vida diurna consciente.

Quando o pesquisador espiritual já fez alguns progressos, quando já consegue ter certas experiências no mundo em que existem entidades e fatos espirituais, muitas vezes ele tem sensações como as descritas acima. Mas, por mais que consiga avançar, sempre chegará apenas à margem de um mundo de onde vêm ao seu encontro processos espirituais que partem do inconsciente profundo, e sobre os quais ele diz a si mesmo: eles têm a ver com meu ser, posso captá-los quase como uma miragem que surge diante de minha visão espiritual, mas eles não se entregam a mim completamente.

Esse olhar para dentro do insondável das relações espirituais, em que a alma humana está inserida, é a mais particular das vivências. Observando atentamente certos processos íntimos da alma, percebemos, por exemplo, que os conflitos anímicos que a pessoa também vivencia nas profundezas da alma e que são mostrados nas obras de arte, nas tragédias, são relativamente fáceis de ser enxergá-los em comparação com certos conflitos comuns à alma humana, dos quais a vida cotidiana não tem noção e pelos quais toda pessoa passa em qualquer idade.

Um conflito de alma desses, que descobrimos por meio da pesquisa espiritual,

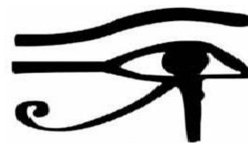


ocorre, por exemplo — sem que a consciência cotidiana tenha noção —, todos os dias no momento do despertar, quando a alma sai do mundo em que se encontrava inconscientemente durante o sono e mergulha de novo no corpo físico. Como eu já disse, a consciência cotidiana não faz idéia disso. No entanto, como vivência anímica, ocorre cotidianamente no fundo dessa alma uma luta que também só pode ser captada de leve por meio da pesquisa espiritual, uma luta que encerra tudo o que pode ser chamado de luta da alma fechada em si mesma, vivenciandose a si mesma, solitariamente, em busca de seu caminho espiritual, uma luta com as forças gigantescas da existênciada natureza, com as quais nos defrontamos na vida exterior, estando, de certa forma, humanamente desamparados e vivenciando como o trovão e o raio — como os elementos — desabam sobre o homem indefeso.

Porém tudo isso, mesmo em se tratando de algo gigantesco, só raramente vivido pela natureza elementar em relação ao homem, é insignificante em comparação com a luta que fica no inconsciente, que se passa no despertar, quando a alma, que está vivenciando sua existência anímica, precisa unir-se às forças e às substâncias do corpo puramente natural, no qual ela imerge para se servir novamente de seus sentidos, que são regidos pelas forças da natureza, e fazer uso de seus membros, em que as forças da natureza se manifestam. Imergir no meramente natural é como que um anseio da alma humana, um anseio que se cumpre a cada despertar, e é, ao mesmo tempo, como que um recuar, um sentir-se desamparado diante do que torna a existir como permanente antagonismo com a alma humana, perante o puramente natural que rege a corporalidade exterior, dentro da qual despertamos. Por mais estranha que pareça a ocorrência diária dessa luta nas profundezas da alma humana, não deixa de ser uma vivência que transcorre dentro dela inconscientemente. A alma humana não tem condição de saber o que se passa, mas vivencia diariamente essa luta a cada novo amanhecer; e cada alma, apesar de nada saber, fica sob a impressão dessa luta, devido a todas as suas características, a toda a sua essência e às nuances individuais de sua existência.

Outra coisa que acontece no fundo da alma humana e pode ser captada sutilmente pela pesquisa espiritual é aquela representada pelo momento do adormecer. Quando a alma se retira dos sentidos e dos membros, quando, de certo modo, deixa para trás o corpo exterior no mundo físico—sensório então vem a ela o que podemos chamar de um sentir de sua interioridade. Só aí é que ela vivencia inconscientemente as lutas interiores, que ocorrem do fato de estar essa alma ligada, durante a vida, à matéria exterior e precisar fazer coisas que provêm de estar ela envolvida com a matéria exterior. Ela sente os apêndices do mundo sensorial que ela tem de carregar, e os sente como obstáculos que a refreiam moralmente. Quando a alma humana está só consigo mesma, ocorre inconscientemente, depois do adormecer e intervindo no próprio sono, uma atmosfera moral da qual todas as atmosferas morais exteriores não podem dar a menor idéia. E muitas outras atmosferas ocorrem na alma, justamente quando essa alma está liberta do corpo, quando ela tem uma existência puramente espiritual do adormecer até o despertar.

Não podemos, porém, imaginar que esses acontecimentos que transcorrem nas profundezas da alma não estejam presentes no estado de vigília. A pesquisa espiritual mostra, por exemplo, algo muito interessante. Ela mostra que o ser humano não sonha apenas quando pensa que sonha, mas sim durante o dia inteiro. Na verdade, a alma está sempre repleta de sonhos, só que o ser humano ainda não o percebe, porque a consciência diurna é mais forte diante da consciência onírica. Assim como uma luz mais fraca é diluída pelo efeito que causa uma luz mais forte,


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

também a consciência diurna ofusca o que transcorre durante a vida diurna como uma vivência onírica contínua, sempre presente no fundo da alma. O ser humano sonha constantemente, só que nem sempre tem consciência disso. E, da abundância das vivências oníricas, dos sonhos que permanecem inconscientes, que representam uma infinidade diante das vivências da consciência diurna, sobressaem — tal como uma gota d'água transborda de uma grande lagoa, dentro da qual estava contida com as outras gotas — os sonhos que chegam à consciência humana. Mas esses sonhos que permanecem inconscientes são uma vivência espiritual da alma. Portanto, acontecem coisas, vivências no fundo da alma. Na alma ocorrem vivências espirituais contidas em profundas regiões inconscientes, tal como no corpo transcorrem processos químicos que ficam no inconsciente.

Quando unirmos, aos fatos desenvolvidos aqui, outros já mencionados nas conferências anteriores, mais uma luz irá iluminar o lado oculto da vida anímica, de que falamos há pouco. Já enfatizamos muitas vezes, e o fizemos particularmente por ocasião da conferência passada[1], que, no decorrer da evolução da humanidade na Terra, toda a vida anímica do homem passou por transformações. Quando lançamos um olhar retrospectivo ao passado longínquo da evolução humana, encontramos a alma do homem primordial com vivências muito diferentes das vivências da alma humana atual. Já falamos a esse respeito e, nas próximas conferências, vamos falar mais ainda sobre o fato de que, em épocas passadas da evolução, o homem primordial tinha uma certa clarividência espontânea. A visão que temos hoje do mundo normalmente, no estado desperto da alma, nós a recebemos das impressões sensoriais através de estímulos externos; e, por meio do entendimento, da razão, do sentimento e da vontade, ligamos essas impressões sensoriais àconsciência de hoje, mas tal consciência é só a do presente. Ela se desenvolveu a partir de formas mais antigas da consciência da humanidade, que eram mais estados de clarividência — usando-se essa palavra num bom sentido — em que os homens, em certos estados intermediários entre o dormir e o acordar, tinham condicão de vivenciar normalmente algo do mundo espiritual. De maneira que o ser humano, se naqueles tempos ainda não podia ser consciente de si mesmo, podia contudo, de um modo menos estranho para sua consciência, ter as vivências, mencionadas acima, do que se passava no fundo de sua alma.

Nos primórdios, o ser humano via mais sua ligação com o mundo espiritual fora de si mesmo. Ele via que as coisas que ocorriam em sua alma, esses acontecimentos das profundezas da alma, estavam ligados a certos fatos espirituais que se passam no Universo. Ele via que esses fatos espirituais passavam por sua alma, e sentia-se muito mais aparentado com as entidades anímico-espirituais e com os fatos do Universo. Essa era uma característica do estado primordial de clarividência da humanidade. E, se hoje só se pode ter tal sentimento em condições anímicas muito especiais, antigamente ele aparecia com freqüência, não só em pessoas artisticamente bem dotadas mas também naquelas bem primitivas.

Nas profundezas da alma, de modo bem indefinido, o mais indefinido possível, pode jazer uma vivência que não chega a assomar à consciência, uma vivência como a mencionada agora, que transcorre nas profundezas da alma. Nada dessa vivência entra na vida diurna consciente. Mas existe na alma algo idêntico à fome no organismo. E assim como precisamos de algo para saciar a fome, também precisamos

[1] Proferida em 30.1.1913: *'Raffaels Mission im Lichte der Wissenschaft vom Geiste'* [A missão de Rafael à luz da Ciência do Espírito], em *Ergebnisse der Geistesforschung,* GA *62 (2.* ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1988).


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

de algo para essa atmosfera indefinida que se origina da vivência que jaz no fundo da alma. Então, sentimo-nos impelidos a buscar um conto de fadas disponível, ou um mito, ou talvez, se temos talento artístico, a criar algo em que temos a sensação de que todas as palavras que, em teoria, podem ser usadas dão a impressão de um balbuciar diante dessa vivência, e é assim que nascem as imagens dos contos de fadas. Esse preenchimento consciente da alma com imagens de contos de fadas é o seu alimento diante da fome que foi caracterizada.

Nos antigos tempos da evolução da humanidade, como cada alma humana ainda estava mais próxima de uma percepção clarividente da vivência interior espiritual da alma, sob certas circunstâncias a índole do povo mais simples podia sentir, muito mais que atualmente, a fome caracterizada há pouco e procurar o alimento nas imagens que nasceram da alma humana criadora, as quais encontramos nos contos de fadas tradicionais dos diversos povos. A alma humana sentia-se afim com a existência espiritual. Ela sentia, com uma consciência maior ou menor, as lutas internas pelas quais tinha de passar, sem compreendê-las, e as expressava em imagens que, por isso, têm apenas uma remota semelhança com o que ocorre nas profundezas da alma. Apesar disso, podemos sentir uma relação entre o que se expressa nos contos de fadas e as profundas e impenetráveis vivências da alma humana.

A experiência pode mostrar que a índole da criança muitas vezes chega a criar em seu interior algo como um simples companheiro, um companheiro que, na verdade, só existe para a índole dessa criança, que a acompanha e que participa dos diversos acontecimentos de sua vida. Por exemplo, quem não conhece crianças que levam consigo certos amigos invisíveis, amigos que temos de imaginar estarem presentes quando acontece algo que alegra a criança, amigos que têm de participar, como companheiros espirituais e anímicos invisíveis, quando a criança vivencia isto ou aquilo? No âmbito das experiências humanas, podemos ver freqüentemente o mal que faz para a índole da criança uma pessoa 'inteligente', ao ouvi-la falar nesse companheiro anímico, querer dissuadi-la da existência dele, achando mesmo ser salutar esclarecê-la. A criança fica profundamente triste com a perda de seu companheiro anímico. E, se ela é susceptível a essa atmosfera anímico-espiritual, sua tristeza tem uma significação muito maior ainda, pode fazer a criança adoecer, definhar. Isto é uma vivência real, ligada a acontecimentos íntimos, profundos da alma humana.

Sem pulverizarmos o 'aroma' dos contos de fadàs, podemos sentir essa simples vivência no conto de fadas transmitido pelos irmãos Grimm chamado 'Contos de Rãs'. O primeiro conto nos fala de uma criança que sempre deixa uma rã comer junto com ela. A rã, porém, só gosta de leite. A criança fala com o animal como se falasse com uma pessoa. Certo dia, ela quer que a rã também coma de seu pão. A mãe ouve isso, chega lá e mata a rã. Desse dia em diante, a criança definha, adoece e morre.

Nesse conto de fadas, sentimos um sutil ecoar de atmosferas anímicas que de fato ocorrem nas profundezas da alma, e realmente ocorrem de modo que a alma humana não conhece essas atmosferas num certo período da vida, mas simplesmente porque o ser humano é um ser humano, seja ele criança ou adulto. Por isso, cada alma humana pode sentir esse sutil ecoar como aquilo que ela vivencia e não compreende, aquilo que ela nem sequer faz aflorar à consciência, e que está relacionado com o que atua nela a partir dos contos de fadas, tal como o gosto do alimento atua sobre a língua. E então o conto de fadas se torna, para a alma, algo análogo ao nutriente quando este é usado para o organismo. E interessante procurar,


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

nas profundezas das vivências da alma, o que ecoa nos diferentes contos de fadas. Seria, naturalmente, uma tarefa de peso examinar cada um desses contos de fadas, coletados em tão grande número, justamente sob esse aspecto. Isso iria exigir muito tempo. Contudó o que talvez possa ficar esclarecido em alguns contos de fadas nós conseguimos aplicar a todos os outros que sejam considerados realmente autênticos.

Tomemos outro conto de fadas, também coletado pelos irmãos Grimm, o ‘Rumpelstilzinho’:

“O moleiro, que afirma ao rei que sua filha é capaz de fiar palha transformando-a em ouro, é intimado pelo rei a levá-la ao castelo, para que se possa apreciar sua arte. A filha chega ao castelo. Ela é trancada em um aposento e lhe é dado um feixe de palha para que mostre sua arte. Naquele aposento, ela está totalmente desamparada. E, estando assim nesse desamparo, aparece diante dela um homenzinho, que lhe diz:

— Que é que você me dá se eu fiar esta palha transformando-a em ouro?

A filha do moleiro lhe dá seu colar, e o homenzinho fia toda a palha em ouro. O rei fica muito admirado, mas quer mais ouro ainda, e outra vez ela tem de fiar a palha em ouro. A filha do moleiro é de novo trancada num aposento e, quando se vê diante de toda aquela palha, aparece de novo o homenzinho e lhe diz:

Que é que você me dá se eu fiar esta palha transformando-a em ouro?

Ela lhe dá seu anelzinho, e a palha, por sua vez, é fiada em ouro. O rei, porém, quer mais ouro ainda. E quando, pela terceira vez, ela se vê no aposento e o homenzinho reaparece, ela não tem mais nada que lhe possa dar. Então o homenzinho diz que, quando ela se tornar rainha, deverá dar-lhe o primeiro filho que nascer. Ela o promete. Quando a criança nasce e o homenzinho vem cobrar-lhe a promessa, a filha do moleiro lhe pede que espere mais algum tempo. Nisto, o homenzinho diz:

— Se você me chamar pelo meu nome, ficará livre de sua promessa.

A filha do moleiro manda então procurar por toda parte. Quer saber todos os nomes, inclusive o do homenzinho. Finalmente, depois de ter feito várias tentativas em vão, ela realmente consegue dizer o nome do homenzinho: Rumpelstilzinho.”

Diante de nenhuma outra obra de arte, a não ser dos contos de fadas, sentimos realmente uma alegria tão íntima com as imagens espontâneas, tendo, contudo, uma noção das vivências mais profundas da alma, de que nascem tais contos de fadas. Mesmo que a comparação seja trivial, talvez possa ser acertada: do mesmo modo como uma pessoa pode conhecer muito bem a química dos alimentos e, apesar disso, sentir o gosto de um bom petisco, também épossível sabermos alguma coisa sobre as íntimas e profundas vivências da alma — apenas vivenciadas, mas não ‘conhecidas’ — que se apresentam nos contos de fadas do modo indicado. Essa alma humana solitária — pois não só no sono, mas também durante o resto da vida, ela está entregue a si mesma, embora esteja ligada ao corpo — sente de modo inconsciente, vivencia mas não compreende todo o antagonismo em que se encontra para executar sua própria e infinita tarefa e para viver sua própria existência inserida no mundo divino.

A alma humana já sente de quão pouco é capaz quando compara sua capacidade com o que sabe fazer a natureza, que transforma todas as coisas em outras, que é realmente a grande feiticeira que a alma humana gostaria tanto de ser. Na consciência, pode ser que ela despreocupada-mente se conforme com essa



www.espelhosdatradicao.blogspot.com

distância entre o interior humano e a onisciência e onipotência do espírito da natureza. As coisas, porém, não transcorrem tão facilmente nas profundas vivências da alma. A alma humana forçosamente sucumbiria se não sentisse em si mesma uma essência ainda mais profunda dentro da essência percebida em primeiro lugar, uma essência a partir da qual ela pode crescer, da qual ela pode dizer a si mesma: "Por mais imperfeita que você ainda tenha de ser agora, essa essência em você é mais inteligente, ela reina em você, ela pode elevá-la ao mais alto saber, ela pode dar-lhe asas, e então você verá estender-se diante de você uma perspectiva infinita dentro de um futuro infinito. Você será capaz de coisas que ainda não é capaz de fazer, pois existe algo em você que é infinitamente maior que seu 'saber'. Este algo é um ajudante fiel. Você só precisa estabelecer uma relação com ele, você realmente só precisa ser capaz de ligar um conceito com essa essência que reside em você e que é mais inteligente, mais sábia, mais hábil que você mesma."

Agora, tentemos mais uma vez tornar presente em nós essa lida da alma humana consigo mesma, essa lida inconsciente com a parte mais hábil da alma, e tentemos sentir ecoar sutilmente, nesse conto do Rumpelstilzinho, o que a alma vivencia na filha do moleiro, que não sabe fiar a palha em ouro, mas que encontra, no homenzinho, um ajudante hábil, a postos. Temos aí, no mais recôndito das profundezas da alma, em forma de imagens, cujo aroma não se destrói quando sabemos sua origem, uma vida anímica intimamente profunda.

Ou tomemos então outro conto de fadas — e não fiquem zangados comigo se eu o ligar a certas coisas que talvez tenham uma conotação pessoal aparente, mas que, de fato, não visam o pessoal. Mas o assunto tratado ficará mais fácil de compreendero se eu fizer uso de um toque pessoal.

Em meu livro *A Ciência Oculta* [2], os senhores encontram uma descricão da evolução do Universo. Sobre ela não quero falar agora, isso pode ficar para outra ocasião. Nessa evolução do Universo é dito que nossa própria Terra, como planeta no espaço sideral, passa por certos estágios que podem ser comparados às seqüências de vidas de cada pessoa. Assim como cada pessoa passa por uma série de vidas, também nossa Terra passa por diferentes graus de vida planetária, de encarnações. Por diversos motivos, fala-se disso na ciência espiritual: que a Terra, antes de começar sua existência como 'Terra', passou por uma espécie de existência de 'Lua' e, antes dessa, por uma espécie de existência de 'Sol'; de modo que podemos dizer que houve uma existência de Sol, como precursora planetária de nossa existência de Terra num passado primordial, um Sol antiqüíssimo que ainda estava ligado à Terra. E então, no decorrer da evolução, aconteceu uma cisão entre o Sol e a Terra. Daquilo que primordialmente era o Sol, desprenderam-se também a Lua e o Sol atual, que não é aquele Sol primordial mas, de certo modo, um pedaço dele, de modo que podemos falar do Sol primordial e, por assim dizer, de seu sucessor, o Sol de hoje. E também podemos falar da Lua de hoje como um produto do antigo Sol. Quando a pesquisa da ciência espiritual olha agora retrospectivamente para a evolução da Terra até o momento em que o segundo Sol, o Sol atual, desenvolvia-se como um corpo celeste independente, é preciso dizer que então, entre os seres que poderiam ser perceptíveis por um sentido externo, só havia, na cadeiado reino animal, os seres que se tinham desenvolvido até a predisposição para tornar-se peixes.

Essas coisas podem ser lidas e compreendidas com mais precisão na *Ciência*

[2] Título na edicão brasileira (5. ed. São Paulo: Antroposófica, 2001).



Oculta. Só é possível ter um acesso direto a elas pelo método de pesquisa da ciência espiritual. Na ocasião em que foram descobertas por mim e assentadas por escrito — isto é, elas não foram descobertas na ocasião em que foram anotadas na *Ciência Oculta,* mas quando foram, por assim dizer, descobertas por mim e depois anotadas —, esse conto de fadas me era desconhecido — e esse é o aspecto pessoal que mencionei —, e eu pude constatar com exatidão que ele era totalmente desconhecido porque só o encontrei mais tarde na 'Psicologia dos povos', de Wundt[3], quando então fui procurar sua fonte.

Antes de esboçar resumidamente o conto de fadas, ainda quero adiantar que tudo ~ que o pesquisador espiritual pode pesquisar no mundo espiritual — e estas coisas que foram mencionadas aqui precisam ser pesquisadas no mundo espiritual porque não estão mais presentes —, tudo o que for pesquisado desse modo apresenta o mundo ao qual a alma humana está ligada. Estamos ligados a esse mundo no mais recôndito das profundezas de nossa alma. Ele sempre está presente, e até entramos inconscientemente nesse mundo espiritual quando, na vida normal, mergulhamos no sono. Nossa alma está ligada a ele e não tem apenas aquelas vivências por que passa durante o sono, mas também as que estão relacionadas com toda a evolução que acabei de mencionar. Se não fosse um paradoxo, gostaríamos de dizer: a alma sabe disso em seu estado de inconsciência, ela vivencia a si própria na corrente contínua que partiu do Sol primordial, passou pelo Sol-Filho, que vemos brilhar agora no céu, e pela Lua, que também é descendente do Sol primordial. E a alma humana também vivencia ter passado, anímica e espiritualmente, por uma existência em que ela ainda não estava ligada à matéria terrestre,mas em que podia olhar para baixo, para os processos terrestres —por exemplo, para a época em que os organismos animais mais elevados eram rudimentos de peixes, em que o Sol atual e a Lua atual se formaram e se separaram da Terra. No inconsciente, a alma está ligada a esses processos.

Agora observemos, de modo esboçado e resumido, um conto de fadas que se pode encontrar em povos primitivos. Esses povos contam o seguinte:

> Era uma vez um homem. Mas era um homem, na verdade, que tinha a constituição como a da resina de uma árvore e que só podia executar seu trabalho durante a noite, pois se trabalhasse durante o dia seria derretido pelo sol. Certa vez, porém, aconteceu-lhe que teve de sair de dia para pescar. E, vejam só, o homem que se apresentava como resina de árvore derreteu. Seus filhos resolveram vingá-lo e começaram a atirar flechas. E atiraram as flechas de modo que estas formavam certas figuras que se amontoavam umas sobre as outras, disso resultando uma escada que ia até o céu. Por essa escada eles subiram, um durante o dia, outro durante a noite. Um se tornou o Sol, o outro se tornou a Lua.

Não costumo interpretar essas coisas abstratamente nem inserir nelas conceitos intelectuais. É bem diferente sentir o resultado da pesquisa, sentir que a alma humana, em suas profundezas, está ligada ao que acontece no mundo; e só se pode captar espiritualmente que a alma está ligada a tudo isso e tem uma fome de apreciar em imagens suas vivências profundas, inconscientes. Percebendo isso, sentimos como que vibrar novamente o que a alma humana vivenciou como Sol primordial e a

[3] Wilhelm Wundt (1832—1920), *Völkerpsychologie. Eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze von Sprache, Mythus und Sitte,* 3 vols. (Leipzig, 1904—1908).



origem do Sol e da Lua até a época-peixe na Terra, quando apresentamos o conto de fadas esboçado há pouco. Quando descobri este conto de fadas, bem depois de ter escrito as coisas acima citadas em minha *Ciência Oculta*, tive uma vivência de certo modo muito importante — e esta é novamente uma nuance pessoal. Mesmo não tendo a intenção de interpretar tudo isso abstratamente, não deixo de sentir um parentesco bem definido quando observo a evolução do mundo e depois me entrego às imagens maravilhosas desse conto de fadas.

Vejamos um outro conto de fadas peculiar da Melanésia. Antes de falarmos sobre ele, lembremo-nos de que a alma humana, segundo a pesquisa espiritual, também está ligada aos fatos e acontecimentos atuais do Universo. Mesmo quando isso é dito sob forma de imagens, de certo modo, conforme a ciência espiritual, é correto dizer que, quando a alma humana deixa o corpo físico ao dormirmos, ela tem uma existência diretamente ligada ao Cosmo todo. Existe uma possibilidade de nos lembrarmos facilmente do parentesco da alma humana, por exemplo, do eu humano com o Cosmo ou, pelo menos, com algo significativo no Cosmo. Dirigimos nosso olhar para o reino das plantas e dizemos a nós mesmos: esta planta cresce, mas só pode crescer sob a influência da luz e do calor do Sol. Temos diante de nós a planta enraizada na terra. Na ciência espiritual, dizemos que a planta é constituída de um corpo físico e de um corpo vital que o permeia. Mas isso não é suficiente para que a planta cresça e se desenvolva. Para tanto, são necessárias as forças que, vindas do Sol, atuam sobre ela.

Ao observarmos o corpo humano quando o homem está dormindo, esse corpo adormecido fica, de certo modo, num estado de planta. Como corpo adormecido, ele é parecido com a planta, pois tem a força de crescimento que a planta tem. Mas o ser humano está emancipado daquela ordem cósmica em que a planta está inserida. A planta precisa esperar que a luz solar atue sobre ela, ao nascer e ao pôr do Sol. Ela está ligada à ordem cósmica exterior. O ser humano não está ligado a essa ordem. Por que não? Porque de fato é verdade o que a pesquisa espiritual mostra: que o ser humano, a partir de seu eu — que no sono está fora do corpo físico, o que faz com que este pareça uma planta — desenvolve no corpo físico o que o Sol desenvolve na planta. Tal como o Sol derrama sua luz sobre a planta, assim faz também o eu humano com o corpo físico adormecido e análogo à planta. Tal como o Sol paira sobre as plantas, assim também o eu humano paira espiritualmente sobre o corpo físico adormecido e com características de planta. O eu do homem é aparentado com a existência solar. O próprio eu do homem é uma espécie de sol para o corpo humano que dorme, provoca seu desenvolvimento durante o sono, faz com que sejam restauradas as forças que foram desgastadas durante a vigília. Ao sentirmos isso, percebemos que o eu humano é aparentado com o Sol. A ciência espiritual nos mostra cada vez mais como o Sol passa pela abóbada celeste — refiro-me, naturalmente ao movimento aparente do Sol — e como, sob alguns aspectos, a atuação de seus raios se modifica conforme ele se encontre diante desta ou daquela constelação do zodíaco; assim também o eu humano passa por diferentes fases de suas vivências, de maneira que atua sobre o corpo físico de determinado modo numa fase e de modo diferente na outra. Pela ciência espiritual, sentimos que o Sol atua diferentemente sobre a Terra conforme ele esteja encobrindo a constelação do Capricórnio ou do Touro, e as sim por diante. Por isso, não se fala genericamente do Sol, mas sim de sua atuação a partir das doze constelações zodiacais, sempre em relação à passagem do Sol pelos doze signos do zodíaco; depois, mostra-se o parentesco do eu em transformação com o Sol em sua atuação também em constante



transformação.

Tomemos agora tudo o que pôde ser esboçado aqui, mas que é abordado mais amplamente na *Ciência Oculta*, como algo que pode ser adquirido como conhecimento anímico-espiritual; observemo-lo como algo que se passa na base da alma humana e que permanece inconsciente, mas que se passa de um modo que significa uma convivência interior do ser com as forças espirituais do Cosmo, e que se manifestam nas estrelas fixas e nos planetas. Agora, vamos comparar tudo isto, que a ciência espiritual anuncia como sendo os mistérios do Universo, com um conto de fadas melanésio, do qual também só vou dar um breve resumo:

> Na estrada há uma pedra. Essa pedra é a mãe de Quatl. E Quatl tem mais onze irmãos. Depois que seus onze irmãos e ele foram criados, Quatl começa a criar o mundo atual. Nesse mundo, na ocasião em que ele o criou, não se conhecia ainda a diferença entre dia e noite. Quatl fica sabendo que num certo lugar existe uma ilha onde há uma diferença entre dia e noite. Ele viaja até essa ilha e traz alguns seres de lá para sua terra. E, com a influência desses seres sobre os seres de sua terra, estes chegam a uma estado de alternância entre sono e vigília, e o nascer e o pôr do Sol transcorrem, para eles, na alma.

É estranho o que continua posteriormente ecoando deste conto de fadas. Tendo diante de nós todo esse conto, a cada sentença vibra, por assim dizer, algo que tem a ver com os segredos do Universo, assim como vibra o que a alma, em suas profundezas, vivencia da ciência espiritual. É isso que nos leva a dizer que a fonte da atmosfera dos contos de fadas, da poesia dos contos de fadas, encontra-se nas profundezas da alma humana! Esses contos de fadas são apresentados como imagens, porque precisam ser usados processos exteriores como ajuda para proporcionar o que deve constituir um alimento espiritual para a fome que brota das vivências caracterizadas acima. Também é preciso que se diga que estamos muito distantes dessas vivências, mas podemos senti-las ecoar nas imagens dos contos de fadas.

Quando nos detemos diante disso, não nos admira que justamente os contos de fadas mais belos, mais característicos, sejam conhecidos desde os tempos antigos e transmitidos até hoje desde épocas em que as pessoas ainda tinham certa consciência clarividente e, por isso, era mais fácil para elas vir a saber onde se encontravam as fontes dessa atmosfera e dessa poesia dos contos de fadas. Não é de admirar que os contos de fadas tenham um caráter muito mais pronunciado nas regiões da Terra em que as pessoas, em suas almas, ainda estão mais próximas das fontes espirituais que as almas dos ocidentais — por exemplo, na India, no Oriente, sobretudo.

Mas também não nos admira que, nos contos de fadas alemães, que Jakob e Wilhelm Grimm[4] coletaram tal como os ouviram de parentes ou de outras pessoas — muitas vezes gente simples —, reencontremos, no que é exposto, algo que nos lembra aquelas épocas da vida européia em que surgiram igualmente as grandes sagas de heróis; e não nos admira que os contos de fadas contenham traços que também encontramos nas grandes sagas de deuses e heróis. E ainda não nos admira sabermos

---

[4] Wilhelm Grimm (1786—1859) e seu irmão Jakob Grimm (1783—-1863) editaram, a partir de 1810, os 'Contos de fadas caseiros e para crianças'.



que mais tarde foi constatado que os contos de fadas mais significativos são mais antigos que as lendas de heróis, porque as lendas de heróis apenas mostram pessoas numa certa idade da vida e em situações definidas, ao passo que o que vive nos contos de fadas se refere ao homem em geral, acompanha a alma humana desde o primeiro até o último suspiro, atravessa todas as idades. E não nos admira que o conto de fadas, por exemplo, mostre em imagens o que foi denominado uma profunda vivência da alma; pois a alma, ao despertar, não se sente adequada perante as forças da natureza, ante as quais ficamos desamparados e das quais só nos sentimos à altura quando temos, ao mesmo tempo, o consolo de que existe em nós algo que nos supera e que, de certa forma, faz novamente de nós vencedores das forças da natureza.

Quando sentimos essa atmosfera interior, também sentimos por que, nos contos de fadas, aparecem tantas vezes gigantes que as pessoas têm de enfrentar. Por que aparecem tais gigantes? Aparecem, muito naturalmente, como imagens da sensação que a alma tem quando, de manhã, vai penetrar de novo no corpo físico e se vê então diante das forças da natureza — 'gigantescas' para a alma humana —que tomam posse do corpo. O que a alma sente como luta, a sensação que ela pode ter, corresponde exatamente, no que diz respeito à alma humana — mas não intelectualmente como conceito —, ao que é apresentado nas várias lutas do homem com o gigante. Quando tudo isso se apresenta diante da alma, ela sente que, nessa luta, em sua postura perante o gigante, só o que lhe vale é a esperteza. Pois faz parte disso sentir que você poderia agora penetrar no corpo; mas quem é você diante de todas as gigantescas forças do Universo? Contudo, há uma coisa que você tem e que não existe nesse gigante: é a esperteza, a inteligência! Tudo isso, porém, fica inconsciente para a alma, mesmo que ela tenha de dizer a si mesma que nada pode contra as forças gigantescas do Universo, e podemos realmente ver como a alma entra nessa situação quando ela expressa em forma de imagens a atmosfera já caracterizada, como segue:

Vai um homem pela estrada afora e chega a uma hospedaria, onde pede uma sopa de leite. As moscas vêm voando e caem na sopa. Ele toma a sopa e deixa as moscas no prato. Depois bate no prato e conta quantas moscas matou, e se vangloria:

— Cem de uma vez só!

O hospedeiro pendura nele um cartaz onde está escrito: "Este matou cem de uma só vez". Então, segue o homem pela estrada afora e chega a uma outra região, onde o rei aparece na janela de seu castelo. Vendo aquele homem com o cartaz pendurado, diz consigo mesmo: "Posso vir a precisar desse homem". Ele o toma a seu serviço e lhe confia uma determinada tarefa, dizendo-lhe:

— Olhe, há um grupo de ursos que sempre invade minha terra. Se você matou cem de uma vez, com certeza também pode fazer o mesmo com os ursos.

O homem responde:

— Está bem!

Só que, enquanto os ursos não chegam, ele exige um bom salário e boa comida, pensando consigo mesmo: "Se eu não conseguir, pelo menos passo bem até lá." Quando chega o tempo de aparecerem os ursos, ele junta toda espécie de alimento e outras coisas gostosas que os ursos apreciam. Vai então ao seu encontro e lhes oferece o que juntou. Os ursos se aproximam, devoram tudo e


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

ficam tão saciados que deitam ali mesmo, como que paralisados. O homem então vai matando um de cada vez. O rei vai até lá e vê o que ele fez. O homem, porém, diz:

— Pois é. Simplesmente fiz com que os ursos pulassem por cima de um pau, e assim lhes cortei as cabeças.

O rei fica muito bem impressionado e lhe confia outra tarefa, dizendo-lhe:

— Olhe, logo vão chegar também os gigantes em meu reino, e você precisa me ajudar a combatê-los.

O homem promete ajudá-lo. E, quando chega a época de aparecerem os gigantes, ele pega de novo uma porção de alimentos gostosos, e também uma cotovia e um pedaço de queijo. Não demorou muito, e ele se encontrou realmente com os gigantes, e começaram a conversar sobre quem seria o mais forte. Um deles disse:

— Vamos mostrar-lhe que somos mais fortes.

E, pegando uma pedra, esmigalhou-a com a mão. Depois, disse ao homem:

— Viu como somos fortes? Que pode você contra nós?

O outro gigante pegou uma flecha e a atirou tão alto que ela demorou um bom tempo para tornar a cair. E ele disse:

— Viu como somos fortes? Que pode você contra nós?

O homem que tinha matado cem de uma só vez disse:

— Tudo isso eu posso fazer muito melhor!

E, pegando um pedacinho de queijo e envolvendo com ele uma pedra, disse aos gigantes:

— Eu consigo espremer água da pedra!

E tanto esmagou o queijo que a água espirrou. Os gigantes ficaram abismados com aquela força, que era capaz de espremer água da pedra. Em seguida, o homem pegou a cotovia, soltou-a no ar com um impulso e disse aos gigantes:

— Sua flecha voltou; a minha, porém, eu atirei tão alto que nem sequer voltou!

Pois a cotovia não apareceu mais. Os gigantes ficaram tão perplexos que concordaram que só seriam capazes de vencer o homem fazendo uso de muita astúcia, pois já não achavam que o poderiam vencer com sua força gigantesca. No entanto, não conseguiram enganar o homem. Foi ele que os enganou. Quando todos foram dormir, ele pôs sobre a cabeça uma bexiga de porco cheia de sangue. Os gigantes comentaram:

— Nós não conseguimos vencê-lo acordado, mas vamos conseguir quando estiver dormindo.

Quando o homem dormiu, começaram a bater nele e estouraram a bexiga de porco. Ao verem o sangue espirrar, pensaram que já o tinham vencido e logo adormeceram. E caíram num sono tão profundo que o homem conseguiu abatê-los enquanto dormiam.

Espelhos da Tradição

Apesar de o conto de fadas, como alguns sonhos, terminar de modo pouco claro e insatisfatório, vemos nele o que representa a luta da alma humana contra as forças da natureza, primeiro enfrentando ‘ursos’, depois passando a lutar contra os ‘gigantes’. Mas vemos ainda outra coisa nesse conto de fadas. Temos diante de nós o homem que matou cem de uma só vez, de modo que sentimos ecoar aquilo que vive no mais profundo inconsciente da alma: que ele, por meio de sua esperteza, sempre


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

pode ser confortado em relação às forças maiores, que ele sente como sendo gigantescas. Não é bom interpretar de maneira totalmente abstrata e em todos os seus pormenores o que é trabalhado em imagens artísticas. Isso não é o que importa. Pois nada é destruído na configuração do conto de fadas quando sentimos que ele é o eco de processos que ocorrem nas profundezas da alma. Esses processos, por sua vez, são tais que podemos saber muitíssimo — o quanto é possível saber deles por meio da ciência espiritual — e, assim mesmo, quando nos envolvemos repetidas vezes neles, quando os vivenciamos do modo abordado acima, eles continuam sendo primordiais e elementares. E nenhum conhecimento que possa existir destrói a capacidade de levar para dentro da atmosfera dos contos de fadas o que vivenciamos tão profundamente na alma.

É por isso que é muito estimulante para a pesquisa saber que, nos contos de fadas, temos diante de nós aquilo de que a alma necessita por causa de suas vivências mais profundas, do modo como foi mencionado. Ao mesmo tempo, nenhuma atmosfera dos contos de fadas é destruída, pois justamente a pessoa que, apoiada talvez na essência dos contos de fadas, chega a uma visão mais profunda das fontes da vida inconsciente, encontra nessas fontes algo que, para a consciência, empobrece ao ser apresentado apenas de modo abstrato. Na verdade, a pessoa achará que, no que se refere às vivências mais profundas da alma, a apresentação tal como é feita nos contos de fadas é o que há de mais abrangente.

Compreendemos assim que o que Schiller expressou em conceitos filosóficos abstratos Göethe vivenciou ricamente nas imagens tão significativas e reveladoras do conto de fadas da Serpente Verde e da Bela Líria. Portanto, apesar de ser um grande pensador, Göethe quis expressar em imagens o que sentia em relação às profundezas mais íntimas e ao subconsciente da alma humana. E, por estar o conto de fadas relacionado com o mais íntimo da alma, por estar relacionado profundamente com o mais íntimo da alma humana, ele é justamente a forma de apresentação mais adequada à índole da criança. Pois podemos afirmar que o conto de fadas expressa o mais profundo da vida espiritual do modo mais simples possível. Na verdade, aos poucos sentimos que em toda vida artística consciente não existe arte tão grandiosa como a que completa o caminho, levando das profundezas incompreendidas da alma às imagens encantadoras, muitas vezes lúdicas, do conto de fadas.

Quando se consegue expressar de forma natural o que é mais difícil de compreender, então essa é a grande arte, a arte natural, essencialmente relacionada com o ser humano. E, porque na criança a essência humana ainda está ligada primordialmente à existência integral, ao todo da vida, ela necessita do conto de fadas como alimento de sua alma. O que se apresenta como força espiritual ainda pode movimentar-se mais livremente na criança. Como a alma da criança não deve ressecar, essa força ainda não pode ser envolta em conceitos abstratos teóricos, mas precisa ainda ligar-se ao que está arraigado nas profundezas da existência.

Por isso, não podemos oferecer à alma da criança um bem maior do que deixar atuar sobre ela o que une as raízes humanas às raízes da existência. Em sua própria estrutura, a criança ainda precisa estar criadoramente ativa, ainda precisa gerar as próprias forças formadoras para seu crescimento, para o desenvolvimento de todas as suas aptidões; e é por isso que ela sente as imagens dos contos de fadas como um maravilhoso alimento para sua alma, imagens em que ela se liga radicalmente à existência. O ser humano, mesmo ao se entregar ao racional, ao intelectual, nunca consegue desprender-se das raízes da existência, e, justamente quando ele tem de estar entregue ao máximo à vida, está mais intimamente ligado às raízes da


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

existência; e é por isso que ele, quando tem uma índole saudável e correta, retorna com prazer aos contos de fadas, independentemente de sua faixa etária. Não existe idade ou situação humana que nos possa afastar do que emana dos contos de fadas, pois teríamos de desligar-nos do que há de mais profundo relacionado à natureza humana se perdêssemos toda a sensibilidade para aquilo que, sobre a natureza humana, sendo tão incompreensível para o intelecto, expressa-se naturalmente nos contos de fadas e na atmosfera natural, simples, primária dos contos de fadas.

Portanto, podemos compreender que as pessoas que se ocuparam por longo tempo em transmitir à humanidade os contos de fadas — os quais já foram um pouco deturpados pela civilização —, pessoas como por exemplo os irmãos Grimm, mesmo sem posicionar-se de modo científico-espiritual diante do assunto, mas pela maneira como viveram com os contos de fadas que foram coletar da cultura popular, tiveram a sensação de estar dando à humanidade algo intimamente relacionado com a natureza humana. Também compreendemos por que, depois que a cultura do intelecto tanto fez, durante séculos, para afastar a alma do homem e da criança dos contos de fadas, as coletâneas como as dos irmãos Grimm foram tão bem recebidas por todas as pessoas sensíveis a essas coisas e se tornaram novamente um bem comum principalmente para a alma da criança, mas igualmente para todas as almas. E isso se vem multiplicando na medida em que a ciência espiritual não permanece meramente sendo uma teoria, mas sim uma atmosfera de alma, atmosfera que irá unir cada vez mais as almas, unir pelo sentimento, com suas raízes espirituais da existência.

Assim, justamente pela propagação da ciência espiritual, foi confirmado o que queriam os genuínos colecionadores de contos de fadas, as pessoas realmente capazes de senti-los e de apresentá-los, e o que um profundo amigo da apresentação de contos de fadas disse várias vezes — em conferências que pude ouvir —, repetindo um belo dito poético, que nos permite resumir o que resulta da observação científico-espiritual dos contos de fadas, no sentido em que o tema foi exposto aqui hoje. Podemos resumi-lo com as palavras que aquele homem dizia em suas conferências, aquele homem que sabia amar os contos de fadas, que sabia como coletá-los, que sabia valorizá-los e que, por isso, gostava de principiar dizendo o seguinte: — Contos e mitos são como um anjo bom que a pátria dá ao homem desde seu nascimento para acompanhá-lo em sua caminhada pela vida, para que lhe seja um fiel companheiro durante toda essa caminhada e, por oferecer-lhe essa companhia, faça verdadeiramente dessa vida um conto de fadas interiormente animado!

26 de dezembro de 1908

Interpretação dos contos de fadas

Antes de mais nada, hoje trataremos de uma espécie de princípio para a explicação de contos e lendas. Num sentido mais amplo, esse princípio também pode ser estendido ao mundo dos mitos, o que veremos em poucas palavras. Naturalmente não me é possível, em uma hora, especificar como abordar as crianças



de hoje com a narrativa, ou então com a explicação do conto de fadas quando a criança já é mais velha. No momento, o que me é mais importante é pôr em evidência para os senhores o que deve viver na alma da pessoa que quer dar explicações e o que ela deve saber.

De antemão, a primeira coisa que temos de constatar, quando queremos contar e também explicar contos de fadas, lendas ou mitos, é que precisamos, impreterivelmente, saber mais, sem dúvida muito mais, do que temos condição de expor. Em segundo lugar, vem a questão de precisarmos ter vontade de buscar na sabedoria antroposófica os meios para dar as explicações, o que não significa que devemos inserir nos contos de fadas uma idéia que nos venha de momento; o que precisamos é ter vontade de aceitar a sabedoria antroposófica como tal. Devemos então, baseados em tudo o que aprendemos da cosmovisão antroposófica, tentar permear os contos de fadas com isso, o que nem sempre é possível de imediato para todos. Mas, mesmo que de início falhemos redondamente, logo teremos descoberto, por nós mesmos, a interpretação correta. Quando se constrói sobre uma base sólida, seguramente o resultado será correto; mas, quando não se constrói sobre uma base sólida, constata-se que algo fantasioso é inserido na interpretação. Portanto, deveremos falar aqui tanto para os que narram como para os que ensinam. Para isso, devemos apresentar exemplos do tipo mais claro possível, para vermos de que se trata. O primeiro conto de fadas com que vamos trabalhar talvez possa ser contado assim:

Certa vez, aconteceu... sim, onde foi? [Também poderá ser perguntado: onde não foi?] Pois era uma vez um aprendiz de alfaiate. Ele só tinha um centavo no bolso, mas mesmo assim teve o impulso de sair pelo mundo. Nisto, sentiu fome e só pôde comprar com aquele centavo uma sopa de leite. Enquanto o prato estava diante dele, uma porção de moscas foi caindo na sopa, e ao terminar de tomá-la o prato estava coberto delas. Logo ele lhes deu alguns tapas e, depois, contando quantas moscas tinha matado, viu que eram cem. Então, pediu ao estalajadeiro uma tabuleta e escreveu nela: “Este matou cem de uma só vez!” E, pendurando a tabuleta em si mesmo,seguiu seu caminho. Nisto, passou pelo castelo de um rei. O rei estava justamente olhando para baixo e viu um andarilho passando com alguma coisa escrita nas costas. Ele ordenou ao servo que descesse para ver o que estava escrito. O servo foi, e, tendo lido “Este matou cem de uma só vez!”, contou ao rei.

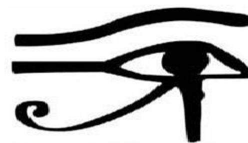
— Espere aí! — disse o rei. — Esse andarilho pode ser de grande serventia para mim! — e mandou o servo ir buscá-lo.

— Posso fazer uso de você! — disse o rei ao aprendiz de alfaiate. — Você quer entrar para meu serviço?

— Sim — respondeu o rapaz —, entro para seu serviço com todo o prazer, se me for paga uma remuneração condizente, que depois lhe direi qual seja.

— Está bem — disse o rei —, você será bem remunerado se cumprir o que promete. Por isso, primeiro você deve comer e beber o quanto quiser. Depois, terá de me prestar um serviço de acordo com suas forças. Todos os anos, aparece em meu reino um bando de ursos, causando terríveis prejuízos. Eles são tão fortes que nenhum homem consegue matá-los. Você com certeza vai conseguir, se é que cumpre o que sua tabuleta promete.

— Pode deixar que eu consigo — replicou o rapaz — mas, enquanto os ursos não chegam, preciso comer e beber o quanto quiser.



Pois o aprendiz de alfaiate pensava consigo mesmo: “Se eu não conseguir vencer os ursos e eles me matarem, pelo menos terei comido e bebido do melhor por algum tempo.”

E, por algum tempo, aconteceu isso mesmo Quando chegou a época em que os ursos deveriam reaparecer, ele se arranjou da seguinte maneira: Foi até a cozinha e preparou uma mesa. Deixou o portão bem aberto e, sobre a mesa, pôs uma porçao de coisas que os ursos gostam de comer e de beber mel e assim por diante. Em seguida, escondeu-se Os ursos entraram, comeram e beberam até nao poder mais e depois ficaram largados no chão, dor mindo. Então, ele cortou a cabeça de cada um e as sim os liquidou. Quando o rei viu, perguntou:

— Mas, como você conseguiu?

— Eu simplesmente passei-os a fio de espada — respondeu o rapaz — cortando a cabeça de cada ~ O rei, que era muito crédulo, disse:

— Se você conseguiu, então vai prestar-me um serviço maior ainda. Em nosso reino, aparecem todo ano gigantes enormes e fortes. Ninguém consegue matá-los ou enxotá-los; quem sabe você pode fazer isso?

— Está bem. Eu faço — disse o alfaiate —, mas só se depois você me der sua filha em casamento.

O rei achava tão importante livrar-se dos gigantes que prometeu o que o alfaiate pediu, e este, mais uma vez, usufruiu do bom e do melhor.

Quando chegou a época em que os gigantes deviam reaparecer, ele foi ao seu encontro levando uma porção de coisas que eles gostam de comer e beber. Além disso, ainda pegou um pedacinho de queijo e uma cotovia. Tendo chegado com tudo aquilo junto dos gigantes, estes disseram:

— Estamos aqui de novo para lutar com o mais forte; até hoje ninguém nos venceu!

— Bem — replicou o rapaz —, então eu vou lutar com vocês!

— Você vai se dar mal! — avisou um dos gigantes.

— Pois mostre aí sua força e o que você consegue fazer! — disse o alfaiate.

Então o gigante pegou uma pedra e esmagou-a entre os dedos. Depois pegou um arco e uma flecha e atirou a flecha tão alto que ela levou um bom tempo para cair de volta.

— Agora — replicou o alfaiate — você vai ver minha força! Se quiser lutar comigo, terá de mostrar muito mais.

E, pegando uma pedrinha, embrulhou-a disfarçadamente com o queijo e, quando apertou os dedos, a água do queijo espirrou para fora.

Espelhos da Tradição

— Eu posso espremer água da pedra — disse ao gigante —, mas você, não!

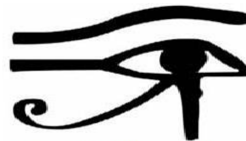
O gigante ficou muito impressionado por ver que alguém conseguira mais do que ele. O alfaiate então pegou um arco e uma flecha, mas o que ele atirou disfarçadamente foi a cotovia, que voou e não voltou mais.

— Sua flecha voltou — disse ele ao gigante —, mas a minha foi atirada tão alto que não volta nunca mais!

Os gigantes ficaram muito espantados por terem encontrado alguém mais forte que eles, e disseram:

— Você não quer ser nosso companheiro?

O alfaiate concordou. E verdade que ele era pequeno, mas assim mesmo era uma boa aquisição. E assim os gigantes o aceitaram em sua companhia e ficaram algum tempo com ele. Mas não se sentiam nada bem em ter consigo alguém mais forte. Certa vez, estando o alfaiate ainda acordado na cama, ouviu os gigantes



conversando e resolvendo matá-lo. Ele tomou então as devidas providências. Preparou uma farta refeição com as coisas que havia trazido. Os gigantes comeram e beberam até não poder mais e ficaram meio desmaiados. Mas não esqueceram que queriam matar o alfaiate. Este, porém, pegou uma bexiga de porco, encheu-a de sangue, amarrou-a na cabeça e deitou-se na cama. O gigante escolhido para matá-lo veio vindo e deu um golpe de faca na bexiga. Quando o sangue escorreu, todos eles ficaram satisfeitos, pois agora estavam livres do alfaiate. E, em seguida, deitaram-se ali mesmo e dormiram. Então, o alfaiate levantou-se da cama e foi matando um gigante depois do outro, enquanto dormiam. Em seguida, foi à presença do rei e contou como havia matado os gigantes um por um.

O rei manteve a palavra e lhe deu sua filha como esposa, e o alfaiate se casou com a filha do rei. O rei tinha grande admiração pela força de seu genro, mas nem ele nem sua filha sabiam quem era na verdade aquele rapaz. Seria um alfaiate ou um filho de rei que ali apareceu? Naquela ocasião, eles não sabiam. E se desde então não chegaram a saber, até hoje ainda não sabem.”....

Este é um dos contos de fadas que vamos observar. Antes, porém, de nos ocuparmos dele, queremos compará-lo com outro. Pois quando coletamos contos de fadas, de onde quer que sejam, de que povo e de que época provenham, tratando-se de contos de fadas autênticos constataremos que existe um certo princípio imagético básico que pulsa em todos eles. Quero chamar a atenção dos senhores para o fato de que já nos deparamos com os gigantes que foram vencidos pela esperteza. E, agora, vamos dar um salto de milênios e pensar no mito de Ulisses, quando Ulisses encontra o gigante Polifemo. Mas, antes, vamos pôr um outro conto de fadas ao lado do primeiro.

Aconteceu uma vez.., onde foi? Sim, na verdade, onde não foi? Era uma vez um rei tão benquisto que constantemente vinha a saber que o povo desejava seu casamento com uma esposa que fosse tão boa e nobre quanto ele. Era-lhe difícil, contudo, encontrar alguém de quem ele pudesse ter certeza da idoneidade, tal como seu povo desejava, O rei tinha um velho amigo, um pobre guarda-florestal que vivia na floresta uma vida simples e feliz, e que era muito sábio. Poderia facilmente ficar rico, pois o rei lhe daria tudo o que desejasse. Mas preferia continuar pobre e com sua sabedoria, O rei foi então até seu amigo, o guarda-florestal, e lhe pediu um conselho. Este lhe deu um ramo de alecrim e disse:

— Conserve este ramo. E a jovem diante da qual ele se curvar (lembremo-nos aqui da varinha de condão) é aquela com quem você deve unir-se.

Já no dia seguinte, o rei fez vir à sua presença um grande número de moças. Mandou espalhar à sua frente uma porção de pérolas e, com elas, escrever o nome de cada uma sobre a mesa. Depois comunicou que a jovem diante da qual o ramo de alecrim se curvasse iria ser sua esposa; as outras poderiam apenas levar as pérolas. Depois, passou por todas com o ramo de alecrim, mas este não se mexeu, nem se inclinou diante de nenhuma. As moças receberam suas pérolas e foram dispensadas. No segundo dia, tudo foi preparado de novo, e aconteceu a mesma coisa, e no terceiro dia não houve mudança alguma. A noite, quando o rei estava dormindo, ouviu um barulho na janela e, ao verificar o que era, viu um passarinho de ouro que lhe disse:


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

— Você não sabe, mas já me prestou duas vezes um grande serviço, e eu também quero prestar-lhe um. Quando amanhecer, levante-se, pegue o ramo de alecrim e me siga. Vou guiá-lo até um luar, onde você encontrará um cavalo com uma flecha prateada fincada no corpo. Você deve retirá-la, ele então o levará até onde se encontra aquela que será sua esposa!

Na manhã seguinte, o rei saiu, seguindo o passarinho de ouro. Por fim, chegaram até o cavalo, que estava fraco e doente e que disse:

— Uma feiticeira cravou uma flecha em meu corpo.

O rei logo retirou a flecha do cavalo e, no mesmo instante, este se transformou num cavalo maravilhoso e audaz. O rei montou, o ramo de alecrim movimentou-se diante do cavalo e o passarinho de ouro, voando na frente, foi guiando o rei em seu cavalo encantado. Finalmente, chegaram a um castelo de vidro. Já de longe, ouviram um zumbido incessante e, quando o rei, o ramo de alecrim e o passarinho de ouro entraram, o rei viu lá, de pé, um outro rei todo de vidro. No estômago desse rei de vidro estava uma enorme mosca zumbidora. Era ela que tanto zumbia e que incomodava terrivelmente o estômago do rei, querendo sair lá de dentro. O rei perguntou ao rei de vidro o que significava aquilo.

— Olhe lá no sofá — disse o rei de vidro — onde minha rainha está sentada com uma veste de seda rosada, e o mistério ligado a isso você vai poder ver logo. Pois, justamente agora, a teia que envolve a rainha está sendo rasgada por aquele pássaro, e ele vai rasgá-la toda. Quando não restar mais nenhum fio, virá uma aranha malvada e tecerá outra vez uma nova teia em volta da rainha. E, enquanto eu estiver enfeitiçado neste corpo de vidro, minha esposa será envolvida numa teia pela aranha. Já faz muitos séculos que estamos aqui aprisionados, até que se desfaça o feitiço e fiquemos livres.

De fato, apareceu uma aranha malvada para envolver a rainha numa teia. Mas, quando ela começou a tecer, o cavalo encantado se aproximou para matá-la. Ele já ia dar uma pisada na aranha, quando a mosca zumbidora conseguiu sair e quis ajudar a aranha. O cavalo encantado, porém, matou as duas. Nesse momento, o rei de vidro se transformou num rei humano, o pássaro virou uma graciosa jovem, a rainha ficou livre da teia de aranha, e o antigo rei de vidro contou como tudo acontecera:

Quando ele já era rei, sofria a perseguição de uma bruxa má, que vivia na floresta, nos limites de seu reino. A bruxa queria que ele se casasse com sua filha, mas como ele fora buscar esposa num castelo encantado da vizinhança, a bruxa prometera vingar-se. Transformara sua própria filha numa mosca zumbidora que corroía o estômago do rei, transformado em rei de vidro. A rainha era atormentada pela aranha em que a própria bruxa se transformara. A criada fora transformada no pássaro, e o cavalo, no qual ele tinha vindo, levara uma flechada da bruxa má e ficara com a flecha em seu corpo. Agora, tudo tinha acabado bem, porque o cavalo fora libertado e, com isso, todos os outros ficaram livres do feitiço.

Então, o rei perguntou ao antigo rei de vidro já transformado onde ele poderia achar uma boa esposa. O antigo rei de vidro lhe indicou o caminho para o castelo encantado da vizinhança. O passarinho de ouro foi de novo voando na frente e, quando chegaram lá, encontraram um lírio. Imediatamente, o ramo de alecrim foi atraído para o lírio e se curvou diante dele. Nesse momento, surgiu do lírio uma belíssima jovem, que também tinha sido enfeitiçada; pois a rainha do



www.espelhosdatradicao.blogspot.com

antigo castelo de vidro era sua irmã. Agora, com tudo o que tinha acontecido, a jovem também se libertou do feitiço. O rei a levou consigo, e eles se casaram. Sua felicidade foi imensa, tão grande quanto a felicidade de seu povo. Eles viveram por muito, muito tempo. E — quem sabe? — se ainda não desapareceram nem morreram, é bem capaz que estejam vivos até hoje.

Acabamos de ver, portanto, um outro conto de fadas, que contém elementos diferentes. A primeira coisa de que temos de desacostumar-nos, quando queremos compreender o conteúdo de autênticos contos de fadas ou lendas, é da tendência a considerá-los uma obra poética surgida de uma fantasia qualquer dos povos. Isso eles não são jamais. O ponto de partida para o surgimento de todos os contos de fadas autênticos situa-se em tempos remotos, na época em que todos os homens que ainda não estavam amadurecidos para a cultura do intelecto tinham um alto grau de clarividência — ora maior, ora menor — remanescente de uma clarividência primordial. As pessoas que ainda conservaram essa clarividência por muito tempo passavam por estados intermediários entre o sono e a vigília. Quando as pessoas, que tinham tais resíduos de clarividência, estavam nesse estado intermediário, vivenciavam de fato o mundo espiritual, o mundo espiritual em suas múltiplas formas. Não era a mesma coisa que é hoje o sonho. Para a maioria das pessoas — não para todas —, o sonho atual é algo caótico. Naqueles velhos tempos, as pessoas possuidoras dessa antiga clarividência vivenciavam algo bem regular, tão regular que em diferentes pessoas as vivências eram idênticas ou, pelo menos, aproximadas de um padrão.

Que sucedia, na verdade, com as pessoas em tais estados intermediários entre o sono e a vigília? Quando as pessoas se encontram dentro de seu corpo físico, percebem o mundo ao seu redor como este pode ser percebido com os órgãos físicos dos sentidos. Mas atrás desse mundo está o mundo espiritual. Nesse estado intermediário, era como se fosse retirado da frente da pessoa um véu — o que seria o véu do mundo físico — e o mundo espiritual se tornasse visível. E tudo o que estava no mundo espiritual tinha uma certa relação com o que existia no interior dos homens. É como acontece no mundo físico: não podemos ver as cores com os ouvidos nem ouvir os sons com os olhos; tudo o que está fora corresponde ao que está dentro. Portanto, nesses estados intermediários os sentidos exteriores se calavam, mas o que estava no interior, no anímico, assumia vida. E, assim como os olhos e os ouvidos têm sua relação com o mundo em volta, partes específicas do corpo astral humano tinham, naquele estado intermediário, sua relação com o mundo circundante. Quando os sentidos exteriores se calam, a alma desperta.

Antes de mais nada, temos na alma três membros: a alma da sensação, a alma da razão e a alma da consciência. Assim como os olhos e os ouvidos têm diferentes relações com o derredor, também esses três membros da alma humana têm suas relações específicas com ele. Desse modo, para as pessoas nesse estado intermediário, dependendo de qual membro da alma que esteja voltado para o derredor, torna-se perceptível uma ou outra parte do derredor espiritual. Vamos supor que a alma da sensação esteja dirigida especialmente para o derredor espiritual. Nesse caso, a pessoa verá todos aqueles seres espirituais do seu derredor que estão intimamente ligados às forças comuns da natureza, aquilo que, por assim dizer, vive nos elementos da natureza. Ela não vê propriamente o jogo das forças da natureza, mas sim o que vive no jogo dessas forças: no vento, na tempestade e em outros fenômenos


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

naturais. Por meio de sua alma da sensação, a pessoa vê os seres que ai se manifestam. E, quando é especialmente a alma da sensação que está ativa, é como se a pessoa ainda vivesse na época em que o ser humano não tinha ainda condição de usar sua alma da razão nem sua alma da consciência. A pessoa é então transportada para o passado e vê o derredor como o via antigamente, quando nada sabia de como lidar com a alma da razão e com a alma da consciência.

Naqueles antigos tempos, porém, a própria pessoa ainda estava intimamente ligada às forças da natureza. Ela mesma ainda estava mergulhada em todas as forças da natureza. Ela era, então, um ser constituído apenas de corpo físico, corpo etérico, corpo astral e alma da sensação. E assim o ser humano povoava o mundo. Ele sabia, então, fazer o mesmo que agora é feito pelos seres que podem estar à sua volta e que vivem dentro das forças inferiores da natureza. Estes lhe aparecem como expressão daquilo que o ser humano foi antigamente, quando podia arrancar árvores no meio do vendaval, podia dominar o tempo, a neblina e a chuva. Assim, esses seres que o rodeíam lhe aparecem tal como ele foi num passado em que seu poder era gigantesco por não ter ainda se distanciado tanto das forças da natureza. As figuras que então lhe apareciam — e que eram a réplica de sua própria estrutura — apareciam-lhe como homens de força gigantesca. Essas figuras são os 'gigantes'. Naquele estado intermediário, o homem vê os gigantes como figuras reais, que se apresentam a ele com uma característica essencial bem definida: homens com uma força gigantesca. Os gigantes, porém, são tolos, porque vêm de uma época em que ainda não sabiam usar a alma da razão. São fortes e tolos.

Vejamos agora o que a alma da razão consegue ver em tais estados intermediários. Ela consegue ver as coisas que já eram conformes com uma certa sabedoria. Por meio daquilo que no homem é o gigante, por meio da força, tudo, por assim dizer, é configurado; por meio do que existe na alma da razão, o homem, quando vive dentro dessa alma da razão, vê ao seu redor entidades, figuras que introduzem a sabedoria em tudo, que põem tudo sabiamente em ordem. Enquanto em geral via o gigante como figura masculina, agora ele vê os seres da alma da razão como entidades de forma feminina, que introduzem sabedoria nas coisas, no torvelinho do mundo. Essas são as 'mulheres sábias', que estão por trás das coisas configuradas e que dão forma a tudo. A pessoa que se encontra nesse estado intermediário vê retratada nessas figuras a forma que possuía quando ainda não tinha a alma da consciência mas já tinha a alma da razão. Essas figuras reinam sabiamente por trás das coisas. E, estando nesse estado intermediário, e por se ver intimamente análogo a essas figuras, o ser humano tem, muito freqüentemente, o seguinte sentimento: "O que vejo como entidades femininas sábias, isto é algo realmente aparentado comigo." E por isso que, nesse caso, vemos muitas vezes o conceito 'irmã' quando essas entidades femininas aparecem.

Quando a pessoa se encontra nesse estado intermediário de consciência, há ainda uma coisa que ela vivencia em sua alma e que só podemos mesmo captar de modo muito íntimo. Nesse estado de alma, a pessoa está afastada da percepção física comum. Diz então para si mesma: "Sim, o que vejo aí está, na verdade, contido no que vejo durante o dia, no que fica claro durante o dia para minha alma da razão; mas quando eu o vejo durante o dia, ele se mostra do avesso." Quando a pessoa que está nesse estado intermediário se lembra das impressões do dia, elas se apresentam de modo inverso ao que ela sente quando, de dia, recorda o estado intermediário e as diferentes configurações esvoaçantes de seu sistema astral. Mas, quando se recorda das impressões do dia, é como se aquilo que, na verdade, são sutis configurações


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

etéricas situadas por trás da realidade comum se apresentassem como configurações enrijecidas. É por isso que as configurações diurnas lhe aparecem como se mantivessem dentro de si sua verdadeira essência, por obra de encantamento. Sempre que aparece uma planta ou um ser enfeitiçado, isso acontece porque a pessoa vê o conteúdo de uma entidade sábia, que existe por trás da aparência física, e lembra consigo mesma: “Sim, de dia isto é apenas uma planta que está separada de minha alma da razão, de tal modo que, de dia, não consigo alcançar sua essência.” Quando a pessoa chega a sentir essa estranheza entre as configurações diurnas e o que existe por trás delas, como por exemplo entre a configuração diurna do lírio e o que está por trás dele, que é a configuração familiar à sua alma da razão, ela vai sentir vontade de ligar sua alma da razão àquilo que está por trás da configuração diurna, como um ‘casamento’, como numa união da configuração noturna com a configuração diurna.

A alma da consciência formou-se no homem numa época em que ele já se havia distanciado bastante das forças da natureza, quando ele, por assim dizer já não conseguia mais ver o que existia por trás dos mistérios da existência. A capacidade da alma da consciência está muito, muito distante daquelas forças potentes que descrevemos acima. A capacidade da alma da consciência é a esperteza, muito distante, porém, da potência de uma grande força. Com a alma da consciência, vemos as entidades espirituais que permaneceram naquela fase em que o ser humano tinha apenas o envoltório do eu. São esses os seres que a pessoa vê; eles não conseguem fazer muito, por terem pouca força. E, como a pessoa vê em imagens as configurações condizentes com sua natureza interna, elas se lhe apresentam como ‘anoes’. É assim que, nesses intervalos em que a pessoa está livre de suas impressões sensoriais, todo o reino que está por trás das percepções sensoriais é povoado com tais figuras. Quando, em certos momentos de elevação, a pessoa se sente relacionada com esse mundo espiritual, os acontecimentos exteriores da vida lhe parecem como que uma cópia de todo esse relacionamento com o mundo espiritual — o que são de fato. Quando a pessoa é muito esperta na vida, quando ela não olha para o mundo de um modo apenas seco e prosaico, mas esclarece para si mesma as relações da vida com a realidade espiritual, principalmente nas situações em que as pessoas ainda conseguem saber alguma coisa da realidade espiritual, pode acontecer o seguinte:

Suponhamos tratar-se de um homem bem sensato, que observa que certas pessoas são espertas e que, por meio dessa esperteza, dominam a força bruta que costuma reger a vida humana. Então, o homem diz a si mesmo: “O que acontece realmente na vida quando a trama da esperteza domina a força bruta, nós o devemos às potências que se encontram por trás de nós, com as quais somos aparentados e que fazem com que tomemos consciência de uma força em nós que, por meio da inteligência, domina a força bruta que nós mesmos ainda tínhamos em nós quando estávamos no estágio dos gigantes.” E os acontecimentos em seu íntimo parecem-lhe imagens refletidas dos acontecimentos exteriores do mundo, que se retraíram mas que ainda são perceptíveis ao mundo espiritual. No mundo espiritual espelham-se as lutas daquelas entidades que são corporeamente mais fracas, mas que, em compensação, tornaram-se espiritualmente mais fortes. Nos contos de fadas, sempre que aparece a vitória sobre as forças brutas ou os gigantes, trata-se, basicamente, de uma percepção feita naquele estado de consciência intermediário. O ser humano quer esclarecer-se a respeito de si próprio. O mundo espiritual desapareceu para ele, mas ele diz a si mesmo: “Eu consigo esclarecer-me quando me encontro nesse estado intermediário. Nele, eu me torno tão sábio, que a inteligência e a esperteza ganham


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

da força bruta!” E aí surgem as potências, que existem de fato no mundo espiritual e que correspondem às nossas forças de inteligência. Elas se apresentam, atuam e esclarecem o homem quanto ao que acontece no mundo espiritual.

A pessoa conta, então, o que se passou no mundo espiritual e tem de contá-lo dizendo o seguinte: “O que vi e vou contar aconteceu certa vez; mas, na verdade, está sempre acontecendo por trás do mundo sensório, no mundo espiritual, onde são outras as condicões de vida.” Estando a pessoa nesse estado intermediário, a cada vez que ela vê ocorrer um fato desses pode ser que ele já se tenha extinguido, e as condições em que se deu já se tenham esvaído. Mas pode ser que ainda estejam presentes. Isso depende de haver, em algum lugar, uma pessoa naquele estado intermediário que observe esse fato. Ele não ocorre aqui ou ali, mas em toda parte onde haja alguém que possa observá-lo. E por isso que um conto de fadas autêntico tem de começar assim: “Certa vez, aconteceu... Onde foi? Na verdade, onde não foi?”

Esse é o início correto para um conto de fadas. E cada um deles deve terminar assim: “Isso foi o que eu vi uma vez. E, se o que aconteceu no mundo espiritual não se extinguiu, não morreu, então está vivo até hoje.”

É nesse estilo que todo conto de fadas deve ser contado. Nós suscitamos a sensação correta para o que vai ser contado sempre que começamos e terminamos da maneira indicada.

Vamos supor que alguém, como o rei do segundo conto de fadas, tivesse de procurar uma esposa. Ele procura um ser que, no mundo dos homens, seja a cópia exata do que ele consiga achar no mundo espiritual como seu protótipo, que poderá ser encontrado na atuação sábia daquelas potências perceptíveis por meio da alma da razão. Na vida exterior, isso não pode ser encontrado. Por isso, ele tem de sujeitar o homem exterior ao homem interior. No plano físico, o ser humano está sujeito a enganos. Por isso, ele tem de deixar regerem as forças mais profundas quando quer encontrar algo como uma esposa. Disso o ser humano é capaz, mesmo ainda hoje, quando se coloca naquele estado de transição e se põe a si mesmo em relação com as forças que ali regem. Mas as pessoas que são portadoras de tais forças vivem em recolhimento, onde não sejam desviadas pelas circunstâncias intensas da vida. É por isso que o rei tem de dirigir-se a seu amigo eremita, que vive na pobreza e na solidão, mas que conhece o segredo das forças que ligam o ser humano ao mundo espiritual e que lhe pode dar o ramo de alecrim. Não é por meio de quaisquer arranjos exteriores que o rei consegue encontrar o que só poderá ser decidido perante sua imagem primordial proveniente do mundo espiritual. Por isso, ele inicíalmente sonha; vem o passarinho de ouro, e ele continua como que sonhando acordado. Então ele experimenta aquele claro tatear, de quando se está no mundo espiritual, e passa por tudo o que lhes mostrei. Paulatinamente, a partir das forças que repugnam à pureza e à nobreza humana, ele chega a descobrir o que se manteve até os dias de hoje: a possibilidade de o homem sentir a felicidade pura. Nenhuma força ligada atualmente ao mundo físico pode levá—lo a isso, mas só a força que lhe aparece quando a alma da razão ou, enfim, a força anímica interior se volta para o mundo espiritual. Isto lhe aparece aí na imagem do ‘cavalo encantado’. Mas esse cavalo, no mundo físico, é apenas a sombra do espiritual, que está por trás. As forças anímicas maléficas, que se encontram no mundo físico, essas forças que estão incorporadas ao mundo físico, lançaram a flecha no corpo do cavalo. Mas, no momento em que essas forças se retiram e o cavalo se vê livre delas, mobiliza-se então a força que leva o rei a poder julgar a situação, de modo que, se não olhar só para o exterior, ele poderá encontrar o que lhe é apropriado. Com a razão comum, ele poderia ir pelo mundo afora,


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

encontraria pessoas aqui e ali, mas passaria pela esposa que procura sem percebê-la; pois as condições que vêm ao caso aqui, e que agem em oposição, ele não compreende. As condições anteriores se mantêm.

As condições que o rei procura estão aí, mas deturpadas pelo mundo físico exterior, onde em geral as coisas aparecem transformadas. No mundo físico, nem temos as forças em sua verdade. Mas no rei transformado em rei de vidro aparece-lhe, em sua verdadeira configuração, a personalidade que lhe pode indicar onde ele deve procurar a esposa. O rei de vidro foi justamente transformado pelas forças oponentes do mundo exterior. E essas forças atuam de modo que o ser humano fica inteiramente envolto pelas condições do mundo exterior. O rei de vidro fica, primeiro, totalmente enredado nelas. Isso fez com que ele ficasse interiormente diferente do que poderia realmente ser. O ser humano tem em seu carma coisas que são, na verdade, como que uma injustiça, como uma mosca zumbidora malvada. A verdade do que está no fundo disso mostra-se totalmente na imagem. Temos de imaginar toda a situação: como poderá ser encontrado, nas forças mobilizadas no rei, o que está por trás das aparências flsicas. Quando nele são ativadas as forças de sua alma, e quando ele as conduz corretamente, então o rei encontra o que as forças físicas exteriores lhe ocultam: a ‘esposa’.

Algo exterior que ocorra, qualquer acontecimento digamos, pedir a mão de uma noiva —, é representado, mas não em condições comuns, e sim nas condições em que alguém se encontra com um certo condutor de almas — que, para o rei, é o eremita — que mobiliza nele forças profundas. Com isso, a pessoa é conduzida para aquelas forças por meio das quais tudo o que existe no mundo físico lhe parece, por algum tempo, uma inverdade de que ele necessita, quando isso lhe é possibilitado para compreender a verdade. Assim, vemos que existem basicamente condições exteriores, mas que há outros estados de consciência que suscitam uma visão verdadeira.

Todo conto de fadas pode ser interpretado desse modo, mas temos de interpretá-lo a partir da verdade espiritual que está por trás de todo o mundo dos contos de fadas, e tudo o que se nos apresenta num conto como traços particulares podemos, pouco a pouco, descobrir e interpretar. Por exemplo, aquela ligação misteriosa existente entre as forças vivas que percebem e as forças misteriosas da vida em si, pode tornar-se visível quando usamos a vidência interior. Ela é simbolizada maravilhosamente pelo contato do passarinho de ouro com o lírio. No lírio, na verdade, subjazem forças espirituais mais sutis, mais elevadas, que precisam, porém, ser primeiro tocadas pelo passarinho de ouro; só então elas se apresentam.

No mundo dos contos de fadas, existe a crença justificada de que tudo o que temos à nossa volta é a realidade espiritual encantada, e que o homem chega à verdade quando desencanta novamente o mundo espiritual encantado. Evidentemente, tem de estar claro para nós que, em suas origens, o conto de fadas é de fato a interpretação de um acontecimento astral que nos foi contado. As pessoas, porém, têm um talento para modificar certos aspectos! A partir do momento em que coletamos os contos de fadas da boca do povo, temos o que restou de uma antiga imagem vista no astral, mas aspectos isolados podem ter sido modificados. Nesse caso, o intérprete pode facilmente cometer erros ao tentar interpretar com um engenho especial esses aspectos, pois na interpretação correta dos contos de fadas nunca podemos nos enganar. Temos de voltar à forma primordial e reconhecê-la. Tudo corresponde àquelas vivências astrais.

Podemos então deparar-nos com a seguinte pergunta: “Naquela época, em que eram captadas as vivências espirituais num estado de consciência intermediário, será


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

que o ser humano tinha uma configuração como a de hoje?” Não, ele não tinha. O ser humano passou por configurações bem diferentes até desenvolver a que ele tem hoje. Mas aquilo que ele ultrapassou, aquilo de que ele se despojou, aparece numa configuração externa bem definida. Para que o homem se afastasse de sua força gigantesca, precisava despojar-se de sua configuração gigantesca, tinha de sobrepujá-la, refinar suas forças e elevá-las à alma da razão e à alma da consciência. Também existem seres que ficaram parados no estágio da força bruta. Sempre que aparece para o homem algo ruim, que precisaria ser vencido, mas que ficou estacionado no plano astral, isso se apresenta como ‘dragão’ ou seres semelhantes, que nada mais são do que formas grotescas, desde então transformadas no mundo espiritual, formas daquilo que o ser humano tem de transformar e apartar de si mesmo. E, nesse caso, também temos de estar conscientes de que isso corresponde a um fato bem definido.

Para finalizar, eu gostaria ainda de narrar-lhes, para sua interpretação própria, um conto de fadas em que se mostram reunidos, num conjunto, os mais variados temas que acabamos de ver quando a pessoa se coloca em relação com o astral. E, se os senhores aplicarem nesse conto de fadas bem complicado o que foi dito, logo poderão encontrar por si mesmos seu fio condutor. Este conto de fadas é como que uma síntese, uma concentração das mais variadas forças que se entrelaçam.

Era uma vez.., onde foi? Sim, poderia mesmo ter acontecido em toda parte. Então, onde não foi? .Era uma vez um velho rei que tinha três filhos e três filhas. Quando ele estava à beira da morte, disse aos três filhos:

— Dêem a mão das três filhas em casamento aos primeiros que pedirem, para que elas não fiquem solteiras. Este é o primeiro ensinamento que lhes dou. O segundo é que vocês não devem ir a um certo lugar, principalmente à noite — e indicou o lugar como sendo debaixo de um álamo da floresta.

Quando o rei morreu, os filhos empenharam-se em seguir suas instruções. Na primeira noite, uma voz chamou pela janela, pedindo que lhe fosse dada uma das filhas do rei. Os irmãos fizeram o que foi pedido e jogaram uma das irmãs pela janela. Na segunda noite, mais uma vez uma voz chamou pela janela, pedindo que lhe fosse dada uma das filhas do rei. Então, os irmãos jogaram a segunda irmã pela janela. Na terceira noite, uma voz tornou a chamar pela janela, pedindo que lhe fosse dada uma das filhas do rei, e os irmãos, então, jogaram a terceira irmã pela janela. Agora, estavam sozinhos.

Mas, estando muito curiosos, quiseram saber o que havia com o álamo. Assim sendo, certa noite saíram, sentaram-se debaixo do álamo, acenderam uma fogueira e adormeceram. O irmão mais velho devia ficar de guarda. Quando ele estava andando de um lado para o outro com sua espada, viu algo comendo na fogueira e, ao chegar mais perto, deparou-se com um dragão de três cabeças. Começou então a lutar com ele. Venceu-o, enterrou-o, mas nada contou a seus irmãos, e quando amanheceu os três voltaram para casa. Na noite seguinte, saíram e foram de novo até o álamo. Tornaram a acender uma fogueira e se deitaram. Era a vez do segundo irmão montar guarda. Não demorou muito, e ele viu algo comendo na fogueira; ao chegar mais perto, deparou-se com um dragão de seis cabeças. Então, começou a lutar com ele. Venceu-o, enterrou—o, mas nada contou a seus irmãos, e os irmãos acharam que não tinha acontecido nada. Na manhã seguinte, voltaram para casa. Na terceira noite fizeram o mesmo, acenderam uma fogueira, e dessa vez o irmão mais moço devia ficar de guarda. Assim que os outros adormeceram e que ele estava andando de um lado para o



outro com sua espada, viu algo comendo na fogueira. Foi olhar melhor e hesitou um pouco. Com isso, passou-se algum tempo. Depois, começou a lutar com o dragão, que tinha agora nove cabeças. Mas, quando ele o venceu a fogueira tinha-se apagado. Corno ele não queria que os irmãos o surpreendessem, pôs-se a caminho em busca de um pouco de luz. Nisto, viu um pouco de luz entre os galhos; foi buscá-la, mas ela não era suficiente. Então, ele viu algo lutando pelos ares e perguntou o que estava acontecendo, e os seres que lutavam disseram:

— Nós somos o Sol e a Aurora; lutamos pelo dia. Ele desamarrou o cordão que segurava suas calças, e amarrou com ele o Sol e a Aurora juntos, de modo que o dia não pudesse começar. Depois, seguiu seu caminho em busca de luz e de fogo. Chegou então a um lugar onde três gigantes dormiam ao lado de uma imensa fogueira. Pegou um pouco de fogo e, quando foi passar de volta por cima de um dos gigantes, sobre este caiu um pouco de fogo, de modo que ele acordou. Agarrou o rapaz com a mão e o mostrou aos outros, dizendo:

— Vejam só o mosquito que eu apanhei!

O filho do rei se viu em péssima situação, pois os gigantes queriam matá-lo. Mas, antes de matá-lo, ainda queriam sua ajuda numa coisa e fizeram um trato com ele. É que eles desejavam pegar três filhas de um rei; mas lá havia um cachorro e um frango que faziam tal escarcéu que eles não conseguiam entrar. O filho do rei prometeu ajudá-los e, com isso, seria libertado.

Os gigantes amarraram nele um novelo de linha, e o filho do rei se pôs a caminho com o novelo. Ficara combinado que ele daria um puxão na linha, sempre que fosse para um dos gigantes ir ao seu encontro. Logo ele chegou a um rio que não conseguia atravessar. (Enquanto tudo isso acontecia, seus irmãos continuavam dormindo.) Ele deu um puxão na linha, e um dos gigantes veio, jogou uma árvore sobre o rio, e ele pôde seguir caminho. Chegou então ao castelo do rei, onde viviam as três irmãs. Ele entrou e chegou a um dos quartos. Lá, viu uma delas, deitada numa cama de cobre e com um anelzinho de ouro no dedo. Ele tirou o anel, enfiou-o no próprio dedo e foi adiante. Chegou ao segundo quarto, onde a segunda irmã dormia numa cama de prata, com um anelzinho de ouro no dedo. Ele tirou o anel e enfiou-o no próprio dedo. Chegou, então, ao terceiro quarto. Numa cama de ouro estava deitada a terceira irmã, e seu anelzinho de ouro ele também enfiou no próprio dedo. Olhando por ali tudo, descobriu que no castelo havia uma entrada com uma abertura bem pequena. Deu, pois, um puxão na linha, e o primeiro gigante apareceu. Quando, porém, foi passar pela pequena abertura, meteu a cabeça para dentro, mas o resto do corpo ficou para fora; e o filho do rei, no mesmo instante, cortou-lhe a cabeça. E fez o mesmo com o segundo e com o terceiro gigantes. Tinha, portanto, matado os três. Em seguida, voltou para junto de seus irmãos, depois de ter primeiro desamarrado o Sol e a Aurora. Os irmãos se entreolharam e disseram:

— Como esta noite foi comprida!

— É mesmo — disse o mais moço, aproximando-se —, foi uma noite bem longa!

Mas, tal como os outros fizeram, ele também não contou nada, e os três voltaram para casa.

Passado algum tempo, os irmãos quiseram casar-se, e o mais moço disse aos outros que sabia onde havia três filhas de rei, e os levou até aquele castelo. Os três irmãos se casaram, sendo que o mais moço se casou com a mais bonita, a que estava deitada numa cama de ouro. O mais moço era o herdeiro de seu sogro e,


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

por isso, teve de ir viver em terra estranha. Porém, após algum tempo, ele quis visitar sua terra natal, levando consigo a esposa. Mas o rei lhe disse:

— Se você empreender a viagem, na fronteira sua esposa lhe será roubada, e talvez você não a veja nunca mais!

Eles, porém, queriam ir, e foram, levando trinta acompanhantes para protegê-los. No entanto, quando chegaram à fronteira, a esposa foi raptada por um poder desconhecido. Ele então voltou e perguntou a seu sogro como e onde poderia reencontrar sua esposa. O sogro respondeu:

— A única possibilidade de achá-la é no Reino Branco.

Assim, ele partiu em busca da esposa. Mas ignorava totalmente qual o caminho que levava ao Reino Branco.

Chegou primeiro a um castelo e foi-se informar sobre o caminho para ir ao Reino Branco. Ao entrar no castelo, viu a castelã sentada e reconheceu nela uma de suas irmãs, que os irmãos tinham jogado pela janela. Ele perguntou por seu marido, que foi chamado. Era um dragão de quatro cabeças, e lhe foi perguntado qual o caminho para o Reino Branco. O dragão de quatro cabeças disse que não sabia, mas que os animais talvez soubessem. Os animais foram chamados, mas nenhum sabia. O filho do rei seguiu portanto sua viagem e chegou a um segundo castelo. Lá, encontrou a segunda de suas irmãs, que os irmãos tinham jogado pelajanela. Ele perguntou por seu marido, que foi chamado, e que era um dragão de oito cabeças. Também este nada sabia do Reino Branco, mas disse que os animais talvez soubessem. Os animais foram todos chamados, mas nenhum sabia o caminho, e o filho do rei teve de seguir viagem. Pouco depois, chegou a um terceiro castelo. Ao entrar, encontrou lá a terceira de suas irmãs. Ele disse o que queria, e ela lhe respondeu com muita tristeza. Seu marido foi chamado, e era um dragão com doze cabeças. Foi-lhe perguntado qual o caminho para o Reino Branco, e ele disse que não sabia, mas que talvez algum de seus animais o soubesse. Portanto, os animais foram sendo chamados, mas nenhum deles sabia nada do Reino Branco. Por último veio um lobo manco, que contou:

— Sim, certa vez fui parar num país onde me feriram de tal modo que fiquei manco. Conheço o Reino Branco; infelizmente, eu o conheço!

O filho do rei disse:

— Quero ser levado até lá!

O lobo não queria ir, nem com a promessa de um rebanho inteiro de ovelhas. Mas, por fim, consentiu em levar o filho do rei até uma montanha, de onde ele poderia avistar o Reino Branco. E foram ate aquela montanha, e de láo lobo voltou, deixando o filho do rei sozinho.

Este encontrou no caminho uma fonte da qual bebeu. E se sentiu maravilhosamente refeito pela água. Nisto, apareceu uma mulher, que ele logo reconheceu como sendo sua esposa roubada. E esta, que também o havia reconhecido, disse-lhe:

— Você não conseguirá levar-me de volta; pois se tentasse, o feiticeiro, que agora me tem aqui como esposa, iria me buscar de novo com seu cavalo encantado, que consegue voar tão rápido pelo ar como o pensamento!

O filho do rei perguntou:

— Então, que devemos fazer?

E ela respondeu:

— Existe um meio: precisamos encontrar um cavalo mais veloz ainda. Vá até à velha que vive na fronteira do reino e se ofereça a ela como criado. Ela lhe dará


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

trabalhos difíceis, mas você logo saberá como dar conta deles; peça como pagamento o potro mais novo e uma sela, e diga à velha: "É uma sela que está no sótão cheia de esterco de galinha"; e, por último, você peça uma rédea bem velha!

Assim instruído, o filho do rei foi embora e chegou a um riacho. Quando parou ali para descansar, viu na beira, fora d'água, um peixe que lhe pediu:

— Pegue-me e jogue-me de novo dentro d'água, e você estará me fazendo um grande benefício!

Ele o fez, e nesse meio tempo o peixe lhe deu um apito e disse:

— Quando precisar de alguma coisa, toque o apito que eu lhe prestarei um serviço!

O filho do rei guardou o apito e seguiu caminho. Depois de algum tempo, encontrou uma formiga que estava sendo perseguida por sua inimiga, que era uma aranha. Ele a pôs a salvo, e a formiga, por causa disso, deu-lhe um apito e disse que quando ele estivesse em apuros era só apitar, que logo receberia ajuda. Ele guardou o apito e seguiu caminho. Logo depois, encontrou uma raposa. Ela estava ferida e tinha fincada em seu corpo uma flecha de prata; e a raposa lhe disse:

— Se você tirar de mim a flecha e fizer um curativo de ervas em minha ferida, eu lhe darei ajuda quando estiver em dificuldades!

O filho do rei fez o que foi pedido, e a raposa lhe deu também um apito. Com os três apitos, ele foi ao encontro da velha que vivia na fronteira do país e lhe disse que queria se empregar como seu criado.

— Você pode ser meu criado — disse ela —, mas o serviço que eu tenho é tão difícil que até hoje ninguém agüentou fazê-lo.

E, com essas palavras, levou-o até o campo. Lá estavam pendurados 99 homens. A velha explicou:

— Todos esses se empregaram como meus criados, mas nenhum agüentou cumprir as tarefas. Se você estiver disposto a trabalhar e não cumprir com as tarefas, poderá ser o centésimo!

E ele assumiu o compromisso por um ano, só que naquela região um ano só tem três dias.

No primeiro dia, a velha cozinhou para ele uma sopa de sonho e depois o mandou cuidar de três cavalos. Mas, como ele tinha tomado a sopa de sonho, logo adormeceu e, quando acordou... os cavalos tinham sumido. Ele se lembrou dos apitos, pegou o primeiro e soprou. Naquele lugar havia uma especie de mina d'água. Três peixinhos dourados vieram nadando e, quando ele os tocou, transformaram-se nos três cavalos. Ele levou então os cavalos de volta para a velha. Ela mesma havia transformado os cavalos em peixes dourados. Quando viu o filho do rei chegar com os cavalos, ficou praguejando e se atirando de um lado para o outro.

No dia seguinte, a velha cozinhou de novo para ele uma sopa de sonho e o mandou sair e cuidar dos cavalos. Ele tornou a dormir por causa da sopa de sonho e, quando acordou, os cavalos tinham desaparecido. Ele soprou então o segundo apito e, na mesma hora, apareceram três formigas douradas. Quando ele as tocou, lá estavam de novo os três cavalos, que ele levou de volta para a velha. Isso fez com que a velha ficasse furiosa, pois ela mesma havia enfeitiçado os cavalos, e ralhou com eles mais ainda. Mas o filho do rei estava salvo.

No terceiro dia, a velha disse para si mesma: "Agora tenho de fazer a coisa com mais esperteza!" E cozinhou novamente uma sopa de sonho e mandou o

Espelhos da Tradição


www.espelhosdatradicao.blogspot.com

filho do rei cuidar dos cavalos. Enquanto ele dormia por ter tomado a sopa de sonho, ela transformou os cavalos em três ovos dourados e os colocou debaixo de seu próprio assento, sentando-se nele. O filho do rei acordou; os cavalos tinham sumido, e ele soprou então o terceiro apito — e [agora vejam a esperteza com que as coisas atuam] apareceu a raposa. A raposa disse:

— Desta vez a situação está bem mais difícil, mas nós vamos conseguir. Eu vou até o galinheiro e lá vou uivar terrivelmente. Isso vai fazer a velha sair correndo e, nesse meio tempo, toque nos três ovos dourados que estão debaixo do assento dela; quando você os tocar, eles se transformarão.

E assim foi. A raposa foi até o galinheiro, uivou terrivelmente, a velha pulou e saiu correndo, o filho do rei tocou nos três ovos dourados e, quando a velha voltou, estavam lá os três cavalos. A velha não pôde fazer mais nada senão perguntar:

— Que quer você como pagamento?

Ela pensou que ele ia pedir alguma coisa muito especial, mas ele respondeu:

— Quero apenas o potro que nasceu hoje, a sela que está lá no sótão cheia de esterco de galinha e umas rédeas velhas.

Ele recebeu tudo o que pediu. O cavalo ainda era pequeno, e ele teve de carregá-lo nas costas. Quando anoiteceu, o cavalinho disse:

— Agora, você pode dormir um pouco; eu vou a uma fonte beber água.

De manhã, ele estava ali de volta. No segundo dia, já podia correr em alta velocidade. Na segunda noite, aconteceu o mesmo que na primeira. E, no terceiro dia, ele o levou ao lugar onde estava exilada sua esposa. A esposa foi posta sobre o cavalo, e [esta agora é uma passagem que, para quem tem conhecimento do assunto, é uma profunda comprovação da origem oculta dos contos de fadas] o filho do rei perguntou:

— Com que velocidade vamos deslocar-nos pelos ares?

— Com a velocidade do pensamento — respondeu a esposa.

Quando o falso dono da esposa viu aquilo, montou também em seu cavalo encantado para segui-los. E o cavalo lhe perguntou:

— Com que velocidade vamos deslocar-nos pelos ares?

— Com a velocidade da vontade ou do pensamento! respondeu o dono.

O cavalo os seguiu velozmente, foi chegando cada vez mais perto e, quase ao alcançá-los, disse ao cavalo que voava na frente que ele devia esperar.

— Só vou esperar quando você chegar bem perto! — foi a resposta.

No mesmo instante, o cavalo corcoveou e derrubou o ladrão da esposa, juntou-se ao primeiro cavalo, e a rainha foi libertada. O filho do rei pôde então voltar para casa com sua esposa, e eles continuaram vivendo em seu país. E, se o acontecimento não se desvaneceu, ainda vivem até hoje.

Este é um conto de fadas diferente, um pouco mais complicado, que contém os mais variados aspectos. Até que estejamos em condições de interpretar mais detalhes deste conto de fadas, vamos deixá-lo passar por nossa alma, para decifrarmos nós mesmos os diferentes aspectos que, justamente neste conto, formam um conjunto tão harmonioso. Naturalmente é preciso descartar o que a falsa tradição introduziu nele. Mas se os senhores o observarem conforme os princípios abordados hoje, poderão descobrir os fios condutores de tudo o que acontece nele: o motivo do dragão, o

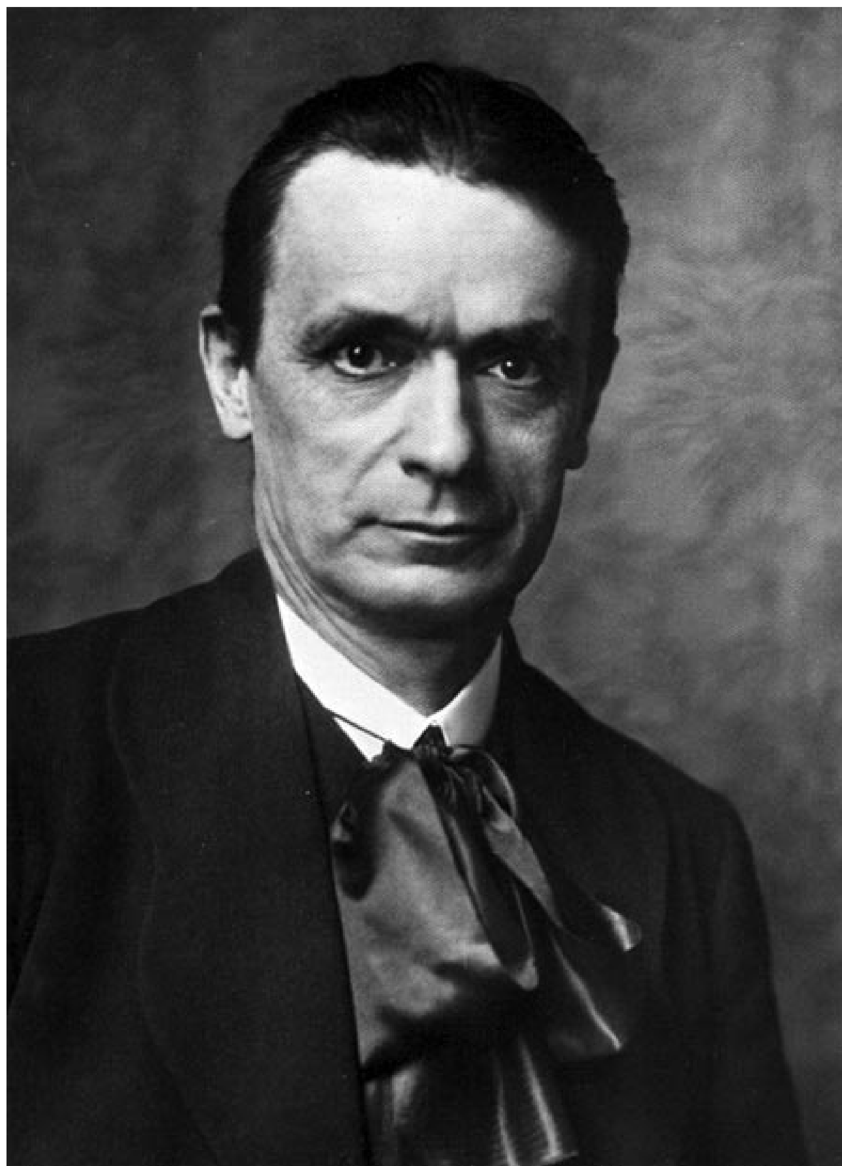

www.espelhosdatradicao.blogspot.com

motivo das três irmãs que são jogadas para fora, o motivo do domínio sobre os dragões na fogueira, o motivo da esperteza, o motivo do casamento da alma da razão com o mundo exterior; depois, novamente, de modo mais singular, o motivo da esperteza das forças mais sutis do encantamento. Depois aparece, de modo bem peculiar, Nêmesis, o carma, quando o filho do rei se depara novamente com suas irmãs: os três irmãos tinham jogado fora sua elevada natureza-irmã, e daí a necessidade de matar os dragões na fogueira, e assim por diante.

Tais narrativas de contos de fadas são experiências de pessoas do povo, que passavam por esse estado de consciência intermediário. Do mesmo modo, os grandes mitos dos povos sobre os deuses são relatos das vivências dos iniciados no plano astral e em planos mais elevados. Os contos de fadas se diferenciam dos grandes mitos dos povos da seguinte maneira: os grandes mitos dos povos podem ser desvendados quando nos baseamos nas abrangentes relaçoes do Cosmo, e os contos de fadas, nós os desvendamos quando nos baseamos nos mistérios do povo. No conto de fadas, tudo se apresenta de modo que as diferentes situações e imagens nada mais são do que a repetição do relato de uma vivência astral. Em determinada época primordial, todas as pessoas tinham essas vivências astrais. Depois, elas foram-se tornando cada vez mais raras. Umas pessoas iam contando para outras, as outras iam assimilando, e assim os contos de fadas foram de região em região. Eles aparecem nos mais variados idiomas, e em todo o mundo percebemos as semelhanças e as riquezas dos contos de fadas, quando conseguimos extrair as vivências astrais em que se baseiam.

Uma pessoa sensível, que ande hoje pelo mundo, pode ser que ainda encontre restos de uma clarividência atávica. Aqui ou ali encontrará alguém que lhe conte o que viu no mundo astral como experiência própria. Uma pessoa que viaje assim pelos países pode ouvir narrativas de contos de fadas daqueles que ainda têm uma noção da realidade verdadeira. E é assim que eles são anotados em nossos livros. Foi desse modo que os irmãos Grimm coletaram os contos de fadas. Foi desse modo que outras pessoas, em sua maioria não-clarividentes, coletaram contos de fadas recebendo-os de segunda, terceira, quarta, quinta mão, às vezes até de décima, de modo que eles chegaram a tais pessoas numa forma bem deturpada. Aproximava-se, porém, o crepúsculo da época em que as pessoas ainda tinham uma íntima ligação com o mundo espiritual, a qual acabamos de caracterizar. As pessoas estão-se afastando cada vez mais desse mundo espiritual. A clarividência atávica se torna cada vez mais rara, pelo menos aquela que pode ser considerada saudável, e a verdadeira clarividência estará cada vez mais reservada só àqueles que praticam uma auto-educação. E a maioria das pessoas que ainda sabem um pouco dessas coisas poderá, no futuro, dizer o que foi visto pelas pessoas dos tempos antigos: “Houve uma época em que pessoas idosas contavam isto ou aquilo de suas vivências astrais. Onde foi? Poderia ter sido em todos os lugares.” Hoje, porém, só muito raramente encontrarmos alguém que possa contar isso partindo de uma fonte verdadeira. E, das vivências dos contos de fadas, poderíamos dizer o seguinte: “Elas aconteceram uma vez e, se ainda não morreram, estão vivas até hoje.” Mas, para a maioria das pessoas que se envolveram interiormente com o plano físico, elas morreram há muito tempo.


www.espelhosdatradicao.blogspot.com



Espelhos da Tradição

www.espelhosdatradicao.blogspot.com

